

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS**



# **RUJA**

**CULTURA MARGINAL (IN)VISIBILIZADA  
NO JARDIM GUANABARA**

**ELIÉZER CARVALHO FRANÇA**  
**Goiás - GO**  
**2020**



**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR  
VERSÕES ELETRÔNICAS DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE  
GRADUAÇÃO NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio do Repositório Institucional (RI/UFG), regulamentado pela Resolução CEPEC nº 1204/2014, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo dos Trabalhos de Conclusão dos Cursos de Graduação disponibilizado no RI/UFG é de responsabilidade exclusiva dos autores. Ao encaminhar(em) o produto final, o(s) autor(a)(es)(as) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

**1. Identificação do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (TCCG):**

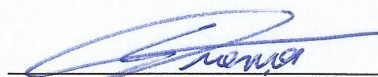
Nome(s) completo(s) do(a)(s) autor(a)(es)(as): Eliézer Carvalho França

Título do trabalho: Rua: Cultura Marginal (In)visibilizada no Jardim Guanabara

**2. Informações de acesso ao documento:**

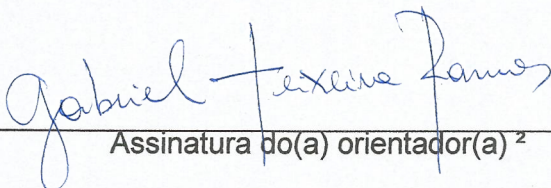
Concorda com a liberação total do documento  SIM  NÃO<sup>1</sup>

Independente da concordância com a disponibilização eletrônica, é imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF do TCCG.



Assinatura(s) do(a)(s) autor(a)(es)(as) <sup>2</sup>

Ciente e de acordo:



Assinatura do(a) orientador(a) <sup>2</sup>

Data: 15/01/2021

<sup>1</sup> Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante: a) consulta ao(à)(s) autor(a)(es)(as) e ao(à) orientador(a); b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo do TCCG. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro.

<sup>2</sup> As assinaturas devem ser originais sendo assinadas no próprio documento. Imagens coladas não serão aceitas.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS**

**ARQUITETURA E URBANISMO**

**ELIÉZER CARVALHO FRANÇA**

**RUA:  
CULTURA MARGINAL (IN)VISIBILIZADA NO JARDIM GUANABARA**

**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**GOIÁS  
2020**



ELIÉZER CARVALHO FRANÇA

**RUA:  
CULTURA MARGINAL (IN)VISIBILIZADA NO JARDIM GUANABARA**

Trabalho de Conclusão de Curso Apresentado como requisito para obtenção do grau de Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo à Unidade Acadêmica Especial de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal de Goiás, Regional Goiás

Orientador: Gabriel Teixeira Ramos

Co-orientador: Arthur Simões Caetano Cabral

GOIÁS  
2020

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

França, Eliézer Carvalho

Rua: Cultura Marginal (In)visibilizada no Jardim Guanabara  
[manuscrito] / Eliézer Carvalho França. - 2021.  
LXV, 65 f.

Orientador: Prof. Gabriel Teixeira Ramos ; co-orientador Dr. Arthur Simões Caetano Cabral .

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Goiás, Unidade Acadêmica Especial de Ciências Sociais Aplicadas, Arquitetura e Urbanismo, Cidade de Goiás, 2021.  
Bibliografia.

Inclui mapas, fotografias, gráfico, lista de figuras.

1. Jardim Guanabara. 2. rua. 3. resistência . 4. cultura marginal.  
5. invisibilidade. I. Ramos , Gabriel Teixeira, orient. II. Título.

CDU 72



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS

## ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

### TRABALHO TEÓRICO-ANALÍTICO

Nome do Aluno: Eliézer Carvalho França

Nome do Professor Orientador: Gabriel Teixeira Ramos

Nome do Professor Co-Orientador: Arthur Simões Caetano Cabral

Título do Trabalho: Rua: cultura marginal (in)visibilizada no Jardim Guanabara

Data: 21/12/2020 Início: 14:00 Término: 15:50 FINAL: 9,0

Critérios de Avaliação - caráter teórico analítico (Regulamento TCC Arquitetura e Urbanismo (CAU RG): Conceituação Teórica: Capacidade de formulação do tema, problema de estudo e articulação das referências bibliográficas levantadas com tema do trabalho. Desenvolvimento da Monografia: Construção lógica do texto, rebatimento das referências bibliográficas e elaboração de conceitos. Apresentação: O formato de apresentação fica a critério do aluno, desde que, com a anuência do orientador. Deve prezar pela objetividade, clareza, capacidade de síntese e argumentação, domínio do assunto, coerência entre a apresentação oral, a pesquisa e a monografia e uso adequado de referências imagéticas e iconográficas, de elementos de processo, de material audiovisual e do tempo disponível para defesa do trabalho. O aluno terá o período máximo de 20 minutos para exposição do trabalho. Os três critérios de avaliação são inseparáveis e devem estar presentes no produto final, que é resultado e síntese do processo de desenvolvimento do Trabalho de Conclusão de Curso. Por isso, não há pontuação estanque em cada critério, os mesmos serão interpretados em seu conjunto a partir de cada proposta.

CONSIDERAÇÕES DA BANCA: O aluno atingiu o que é esperado para um trabalho de conclusão de curso. Articulou muito bem as questões teóricas e todo o material levantado nesse um ano de trabalho. Fica claro o cuidado com a produção gráfica, importante para ilustrar as discussões feitas. Cabe apenas uma maior atenção a normatização e estrutura de alguns itens, como o capítulo 3. O discente apresenta um tema relevante e atual, e a bibliografia utilizada contribui com o desenvolvimento dos argumentos. Metodologia utilizada é inovadora. Destaca-se que o contexto da pandemia impôs limites ao desenvolvimento do trabalho. A abordagem do autor, enquanto sujeito ativo da dinâmica e do território estudado, é uma potência deste TFG. Sugerimos que amplie a pesquisa - possivelmente em uma dissertação de mestrado -, aprofundando a discussão acerca do processo histórico e territorial do Jardim Guanabara e o mapeamento coletivo, revelando a riqueza das ações culturais existentes nesse lugar.

CONSIDERAÇÕES DO ORIENTADOR E DO CO-ORIENTADOR (assiduidade nas orientações, empenho, iniciativa, responsabilidade e organização): Cotejando organicamente suas vivências e suas vinculações afetivas com o território e com as práticas culturais estudadas à compreensão crítica da produção do espaço urbano, Eliézer transita com propriedade por conteúdos centrais da Arquitetura e do Urbanismo sem perder de vista sua atuação como artista e educador. Ao longo do desenvolvimento do trabalho, o discente demonstrou postura pró-ativa e, em que pesem os desafios metodológicos impostos pelo contexto da pandemia de covid-19, atendeu com regularidade às atividades e discussões propostas.

Cumprе salientar, ainda, o aprofundamento analítico e crítico de seus estudos observado durante a elaboração da monografia. Por fim, reconhecendo as potencialidades do trabalho no que concerne tanto ao embasamento de estudos sensíveis a manifestações culturais e aos modos de vida de grupos não hegemônicos como às suas representações por diferentes meios e linguagens, parabeniza-se o discente pelos estudos desenvolvidos.

Nome: Gabriel Teixeira Ramos Ass.: Professor Orientador

Nome: Arthur Simões Caetano Cabral Ass.: Professor Co-Orientador

**AVALIADORES:**

Nome: Emilliano Alves de Freitas Nogueira Ass.: Nota: 9,0 Membro Interno

Nome: Ana Isabel Oliveira Ferreira Ass.: Nota: 9,0 Membro Externa

Nome: Aluizio Marino Ass.: Nota: 9,0 Membro Externo



Documento assinado eletronicamente por **Arthur Simões Caetano Cabral, Professor do Magistério Superior**, em 05/01/2021, às 18:12, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Gabriel Teixeira Ramos, Professor do Magistério Superior**, em 06/01/2021, às 09:45, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Emilliano Alves De Freitas Nogueira, Professor do Magistério Superior**, em 21/01/2021, às 10:56, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **1791143** e o código CRC **5AAA298F**.

A Deus, minha família, amigos de Goiânia que não me esqueceram, amigos de vilaboenses que me acolheram, aos manos e manas que me somaram força nessa trajetória e não hesitaram em colaborar com esse trabalho.

A resistência



Agradeço a meu orientador e co-orientador  
pela paciência e ensinamentos que me acom-  
panharão pelo resto de minha consciência.  
Me aguardem.



## RESUMO

O trabalho apresentado é resultado das inquietações de um olhar não apenas técnico e acadêmico sobre as transformações socioculturais do bairro Jardim Guanabara na cidade de Goiânia, como também, sensível de quem nasce e cresce neste, formando-se como sujeito pensante, com contribuições de práticas urbanas, assim como o pensamento da rua e da periferia. A rua apresentada neste trabalho é elemento chave para a construção da discussão principal, mas não uma qualquer. Referimo-nos à rua como cenário das práticas de uma cultura, de pessoas invisibilizadas; rua presente em várias cidades brasileiras. Mas discutiremos a rua que resiste às transformações urbanas na região norte de Goiânia, no Jardim Guanabara.

Palavras-Chaves: Jardim Guanabara; rua; resistencia; cultura marginal; *invisibilidade* .



## **ABSTRACT**

The work presented is the result of the concerns of not only a technical and academic look at the socio-cultural transformations of the Jardim Guanabara neighborhood in the city of Goiânia, but also, sensitive of those born and growing in this, forming themselves as a thinking subject, with contributions from practices urban areas, as well as street and periphery thinking. The street presented in this work is a key element for the construction of the main discussion, but not just any one. We refer to the street as the scene of the practices of a culture, of people who are invisible; street present in several Brazilian cities. But we will discuss the street that resists urban changes in the northern region of Goiânia, in Jardim Guanabara.

Key words: Jardim Guanabara; Street; resistance; marginal culture; invisibility.



## LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Um dos primeiros graffitis no Guanabara, realizado por Eleandro (Kblin)....	10
Figura 2. Pichação no período da Ditadura Militar no Brasil – 1964-1985.....	17
Figura 3. Território marcado por Torcida na região.....	18
Figura 4. Mapa de localização da área de estudo.....	19
Figura 5. Equipamentos no entorno do Guanabara.....	20
Figura 6. Mapa com uso de solo da área analisada. Autoria própria.....	21
Figura 7. Mudança de acesso do Aeroporto Santa Genoveva. Autoria própria.....	22
Figura 8. Limítrofes do Guanabara. Autoria própria.....	27
Figura 9. Jardim Guanabara nos anos 90.....	28
Figura 10. Portaria de uns dos condomínios no Jardim Guanabara II.....	31
Figura 11. Porcentagem de pessoas pretas e pardas na região.....	33
Figura 12. Evidências da remoção de ocupação as margens do Corrego Pedreira, JardimGuanabarall.....	34
Figura 13. Placas de venda de imóveis no Jardim Guanabara Fonte: Arquivo do autor.....	35
Figura 14. Primeiro graffiti pintado à mão em São Paulo, feito por Rui Amaral em 1982.....	44
Figura 15. Montagem com mapas realizados pelo grupo.....	53
Figura 16. Montagem com graffiti e sobreposição das placas de "vende-se".....	54
Figura 17. Mapa das narrativas sob olhar da cultura de rua.....	56



## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Resultado de questionário quanto as transformações nos últimos 10 anos no Jd. Guanabara.....	35
Gráfico 2: Período de vínculo com a região.....	51
Gráfico 3: Tipo de vínculo com a região.....	51
Gráfico 4. Práticas realizadas pelos entrevistados na região estudada.....	52

# SUMÁRIO

1

**INTRODUÇÃO**

2

**A CIDADE COMO CAMPO  
ESTRATÉGICO DE ESPE-  
CULAÇÕES NA CIDADE  
NEOLIBERAL**

**2.1**

**Um Guanabara  
às sombras**

**2.2**

**O acender das luzes**

3

**A CIDADE COMO CAMPO  
TÁTICO: RESISTÊNCIA DA  
CULTURA MARGINAL**

**3.1**

**A cultura de rua narrando  
a periferia**

**3.2**

**A resistencia marignal  
Brasil/Guanabara**



# 4

## CARTOGRAFANDO COLETIVAMENTE

### 4.1

Pensando o método

### 4.2

Definindo o grupo

### 4.3

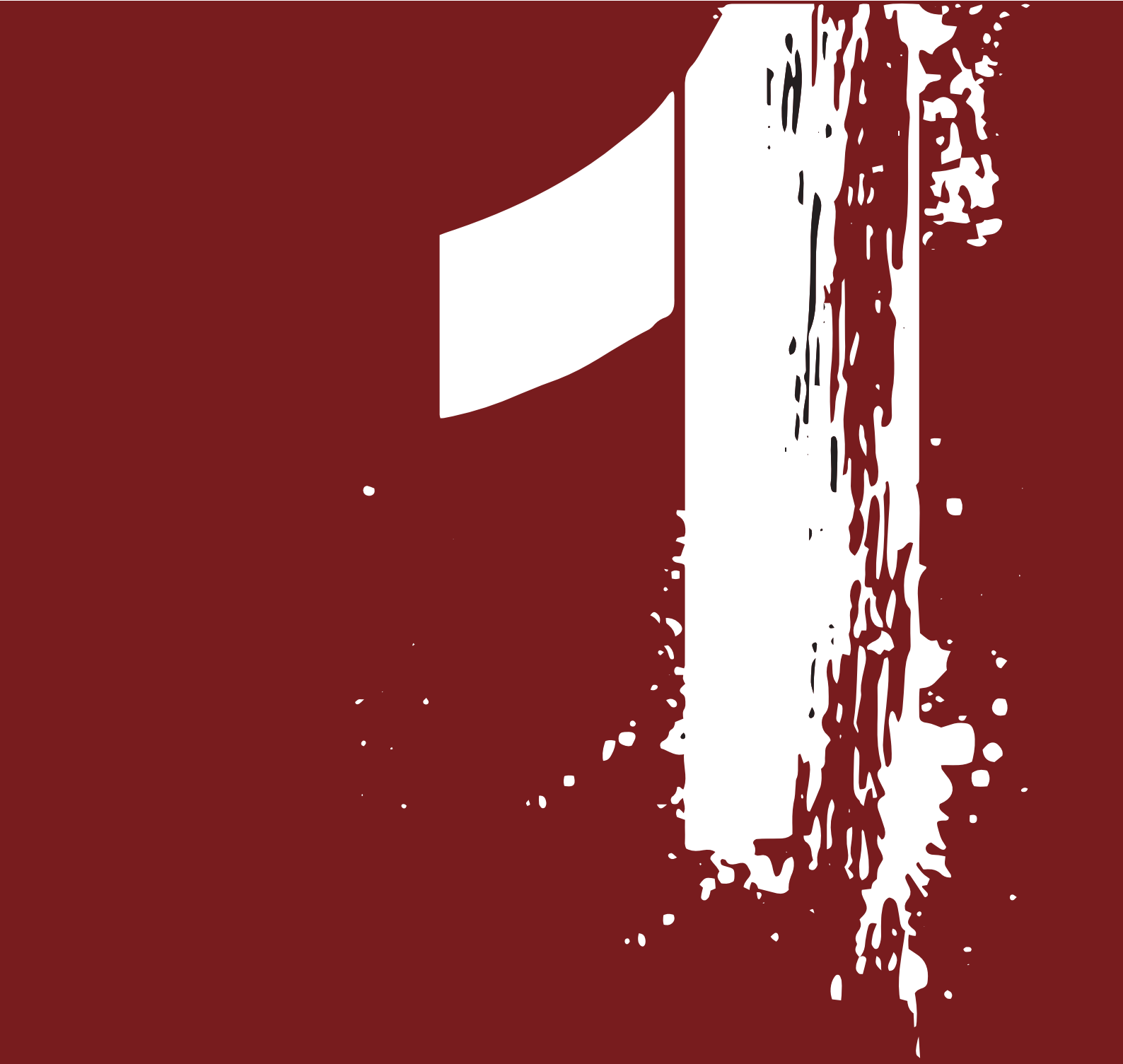
Organizando as informações

# 5

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

# 6

## REFERÊNCIAS



# INTRODUÇÃO

*Pra sempre zona norte,  
só os fortes vão saber,  
quem é cria de verdade  
vive o que playboy so lê.*

## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho visa produzir uma leitura de narrativas de rua sobre práticas urbanas invisibilizadas no bairro Jardim Guanabara, em Goiânia. Trata-se de práticas urbanas que nascem e se fortalecem na rua, nos becos, nas praças e quadras abandonadas; que nascem de um desejo de resistência e se manifestam como o *graffiti*<sup>1</sup>, o *rap*, o skate e o *pixo*.

Práticas essas que não estão apenas em busca dos efeitos da dopamina, mas são, também, uma forma de dizer que a cidade abriga uma grande diversidade de sujeitos, de ideias, de cores, em que a minoria está viva e deixando sua marca, através das letras de rap, dos *bombs* ou pelas improvisações nos movimentos dos skatistas.

Figura 1: Um dos primeiros graffiti no Guanabara, realizado por Eleandro por volta de 1990(Kblin)



Nesse sentido, as atividades lidas nesse trabalho como práticas marginais e cultura de rua refletem ideias de determinados grupos sociais que se formam diante de uma representação social. É pertinente enfatizar que essas formas de se expressar estão diretamente relacionadas ao contexto sócio-político e cultural em que o grupo está inserido.

---

<sup>1</sup>O graffiti que está vinculado a cultura de rua que discutimos nesse trabalho surgiu no Brasil há cerca de 40 anos, no período que abrangeu a ditadura militar no período de 1964 a 1985.

O Jardim Guanabara e os bairros circunvizinhos – que surgem em grande parte de sua extensão em processos de ocupações, e loteamentos sociais –, eram desprovidos de boa infraestrutura, e com péssimas condições de salubridade. Este é um dos motivos que aliada ao excesso de cultura motivava o surgimento de grupos que se manifestavam através de cartazes, *pixos*<sup>2</sup>, e surgimento de grupos de rap como o Sociedade Black que narra a vida do povo *Guanabarino*, o que já acontecia em várias partes do Brasil e do mundo.

Entre 1966 e 1971, índios, negros e imigrantes latinoamericanos que viviam nos Estados Unidos, descobriram na pichação uma maneira de se rebelarem ao Estado que não lhes garantia direitos básicos de cidadãos (emprego, saúde, alimentação e moradia) e não os reconheciam em suas particularidades culturais. Na França, em 1968, os trabalhadores e estudantes pichavam espaços públicos, reivindicando melhores condições de vida, salários e qualidade de ensino (SOARES, 2009)

Exemplos como o citado também aconteceram no Brasil, num formato muito parecido a outros países, dando início ao grafitti que é um dos elementos da cultura hip hop, juntamente com o *rap*, os *mc's*, *b-boys*, lidos por grande parte da sociedade como a cultura marginalizada, representante de um grupo específico da sociedade.

Figura 2. Pichação no período da Ditadura Militar no Brasil – 1964-1985 (disponível em [www.culturamix.com](http://www.culturamix.com))



<sup>2</sup> Sugerimos a leitura do texto: A poética da pichação. Revista nós, pa.37-38, (RAMOS e MASOTTI.2009), Disponível em <https://issuu.com/rcjovem/docs/revistanos4>

Além do *graffiti*, que é um dos elementos do *hip hop*, chegou a Goiânia, ainda na primeira metade da década de 1980, os demais elementos dessa cultura. A influência vinda de grandes cidades, como Rio de Janeiro, São Paulo e Brasília foi importante para a construção do cenário em Goiânia. A informação representada pela mídia televisiva e a indústria cinematográfica internacional, nesse período, contribuiu muito também, promovendo a dança como espetáculo e criando espaços para as produções voltadas à cultura dos guetos.

Com a crescente urbanização e ramificação do bairro – Jardim Guanabara I, Jardim Guanabara II, Jardim Guanabara III, Jardim Guanabara IV e Residencial Guanabara –, novos grupos foram surgindo, principalmente, após a pavimentação de algumas das principais avenidas, como *skatistas*, *grafiteiros* e *MCs*, além das chamadas gangues territoriais e grupos de torcidas organizadas que demonstravam domínio de área com pixos ou anulavam assinaturas de outros grupos, como vemos na figura a seguir, onde a Torcida Esquadrão Vilanovense registra com pixo sua presença na região.

Figura 3: Território marcado por Torcida na região.

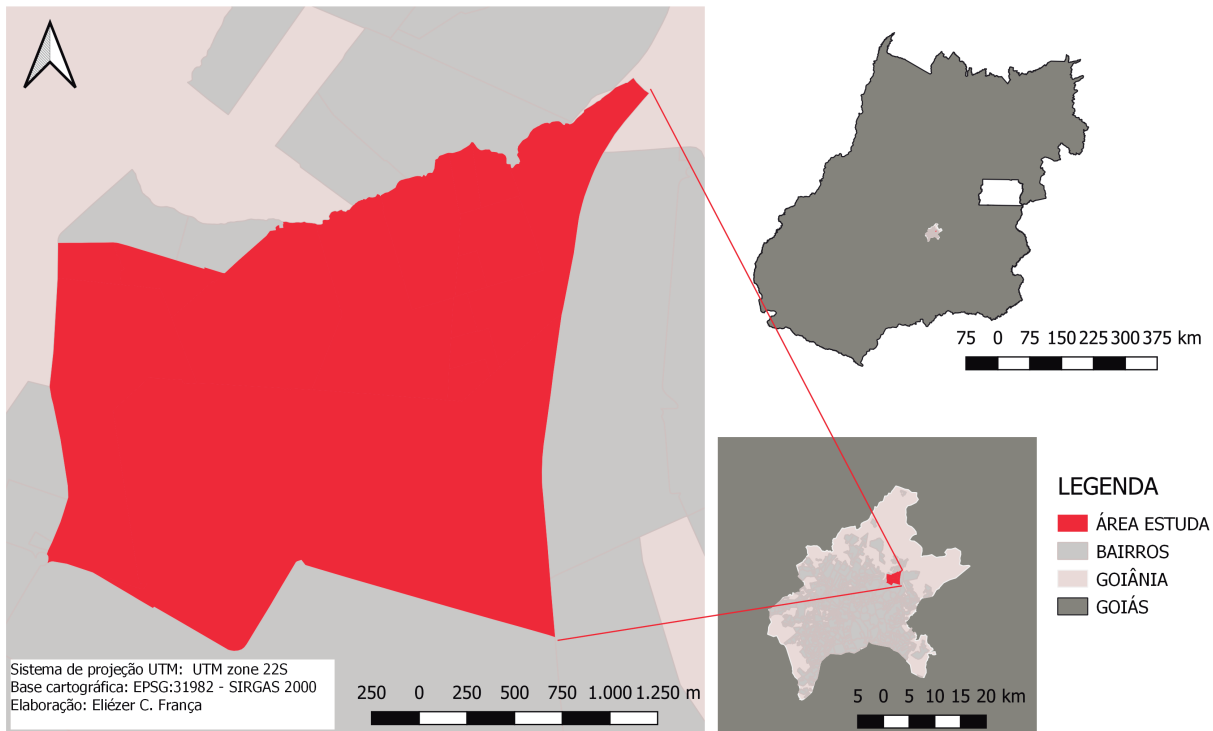


Um dos primeiros nomes do *rap* na região norte de Goiânia, sobretudo do Guanabara, foi o Mr. Black, que juntamente com outros – como Ricool-d, *DJ Ruizão*, *DJ Fox*, Sheba, Paulinho Mola, Preto Wallace e os grupos Conexão Suburbana, União Racial, Protesto Suburbano e As Revolucionárias (um dos primeiros grupos de *rap* integrados por mulheres em Goiânia) – atuaram no cenário goiano, durante a década de 1990.

Analisando o processo de formação espacial da Região Norte e do Jardim Guanabara, entende-se que o planejamento urbano de Goiânia já não atende às expectativas e necessidades da maioria da população. Isto tem condicionado o crescimento da cidade às áreas distantes dos locais de maior infraestrutura, criando-se espaços onde a desigualdade social e econômica se faz presentes<sup>3</sup>.

Figura 4. Mapa de localização da área de estudo. Autoria própria.

### LOCALIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO



Goiânia teve um rápido crescimento demográfico e econômico, e, ao longo destes processos, como muitas capitais brasileiras, parte da população de baixa renda foi habitar a periferia da cidade, causando a segregação e insuficientes formas de acesso à infraestrutura. Ainda sobre essa periferia, trataremos especificamente sobre a região norte de Goiânia, recortando o bairro Jardim Guanabara (Figura 1).

Neste sentido, o objetivo central desta pesquisa visa refletir sobre as transformações socioespaciais que ocorreram no bairro Jardim Guanabara, tendo como indicativo seu crescimento populacional e alterações sociais, a partir da (in)visibilidade da cultura de rua.

Por conta do desenvolvimento e melhoria da infraestrutura urbana e ambiental do bairro, observamos, concomitantemente, uma expulsão da população residente em detrimento da valorização fundiária. Em Goiânia, essas práticas, presentes, principalmente, nas regiões periféricas, são confrontadas pelo processo de urbanização na

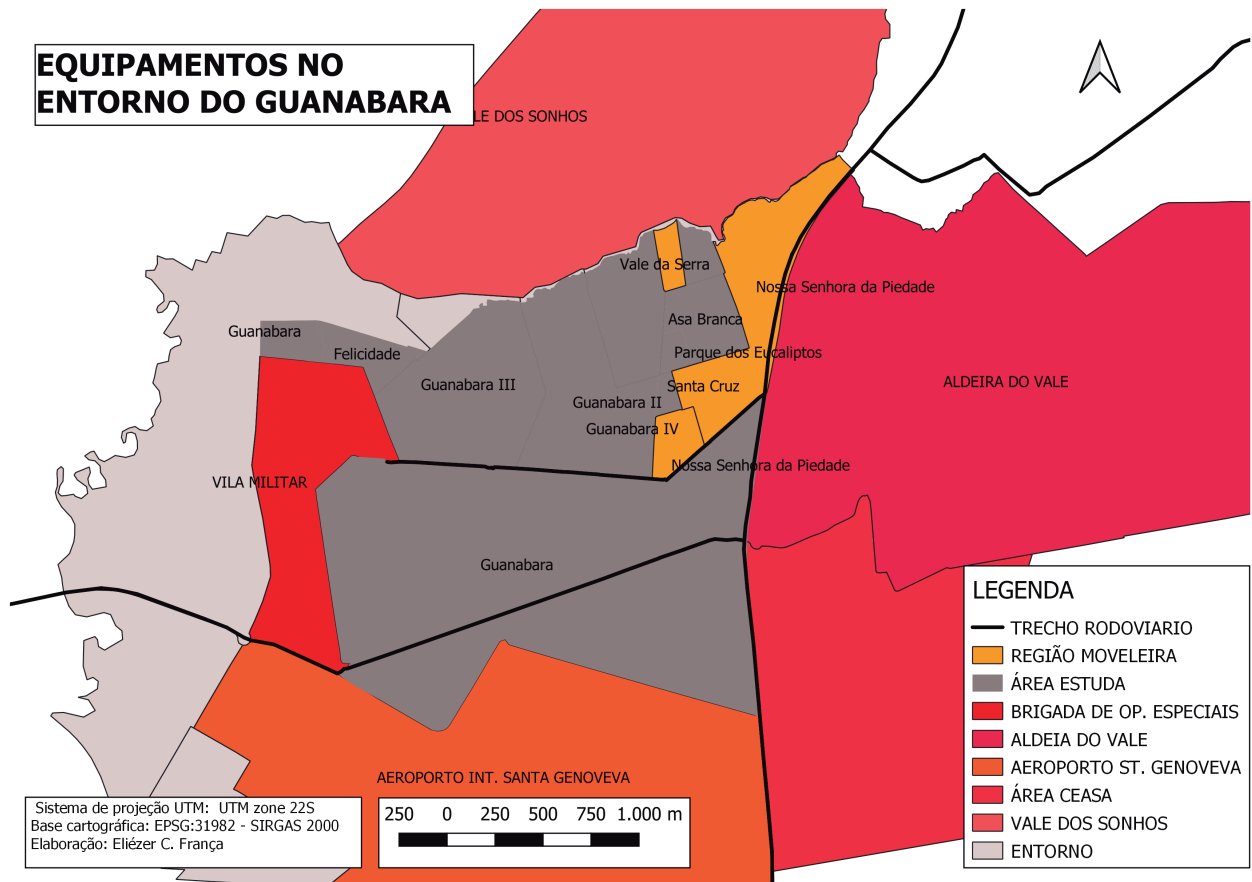
<sup>3</sup> Conforme dados do IBGE (2010), residiam, em Goiânia, 1.302.001 habitantes até o último Censo, estimando-se, para 2013, 1.393.575 habitantes, sendo a sexta maior cidade do país em área urbana, com 256,8 quilômetros quadrados, e sua Região Metropolitana ocupa a décima posição entre as regiões metropolitanas mais populosas do Brasil, com 2,2 milhões de habitantes.

cidade de Goiânia, onde se representa pelo rápido crescimento dos centros e, notoriamente, pelo aparecimento de problemas socioespaciais. Este processo de urbanização tem reproduzido espacialmente aspectos da desigualdade e da exclusão sociais, bem como a inacessibilidade a habitações e a equipamentos urbanos públicos.

Goiânia foi projetada para ser cercada por áreas verdes, ou seja, deveria ter uma limitação populacional, já que essa área verde seria também uma forma de separar a área rural da área urbana. Inicialmente, a cidade deveria comportar no máximo 50 mil habitantes, iniciando-se com 15 mil. Isto não vigorou, pois sofreu um acelerado crescimento populacional, alcançando um milhão de habitantes em aproximadamente sessenta anos após sua fundação<sup>4</sup> (Prefeitura de Goiânia).

Ainda que constatemos essas melhorias na infraestrutura e nos equipamentos públicos instalados, decorrentes da expansão socioespacial registrada nos últimos anos e do investimento imobiliário, são notórias as mudanças no perfil da população local. Nesse sentido, é uma justificativa deste estudo compreender a transformação da cultura de rua na região, especialmente, das práticas que estiveram presentes no Jardim Guanabara, desde sua formação.

Figura 5. Equipamentos no entorno do Guanabara. Autoria própria.

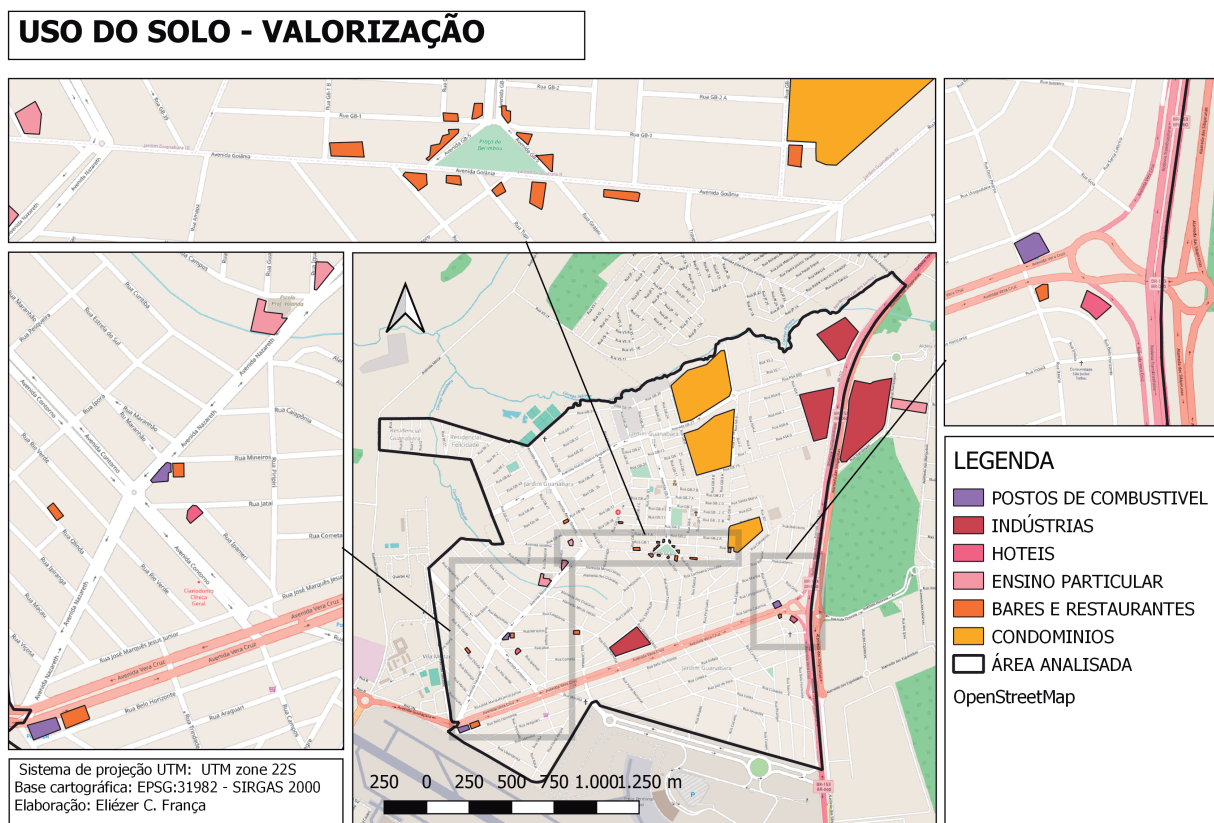


<sup>4</sup> Prefeitura de Goiânia. Portal Goiânia. Notícias. História. Disponível em: .Acesso em 07 de Outubro de 2019.

Neste trabalho de conclusão de curso, a formação do Jardim Guanabara será observada a partir dos diversos eventos e fatos relacionados à expansão socioespacial: o crescimento do comércio, a instalação da indústria moveleira, a influência do CEASA, a proximidade do aeroporto da cidade e a presença da Brigada de Operações Especiais. A partir dessas observações, buscamos identificar de que maneira a cultura de rua se manifesta e resiste nos bairros supracitados.

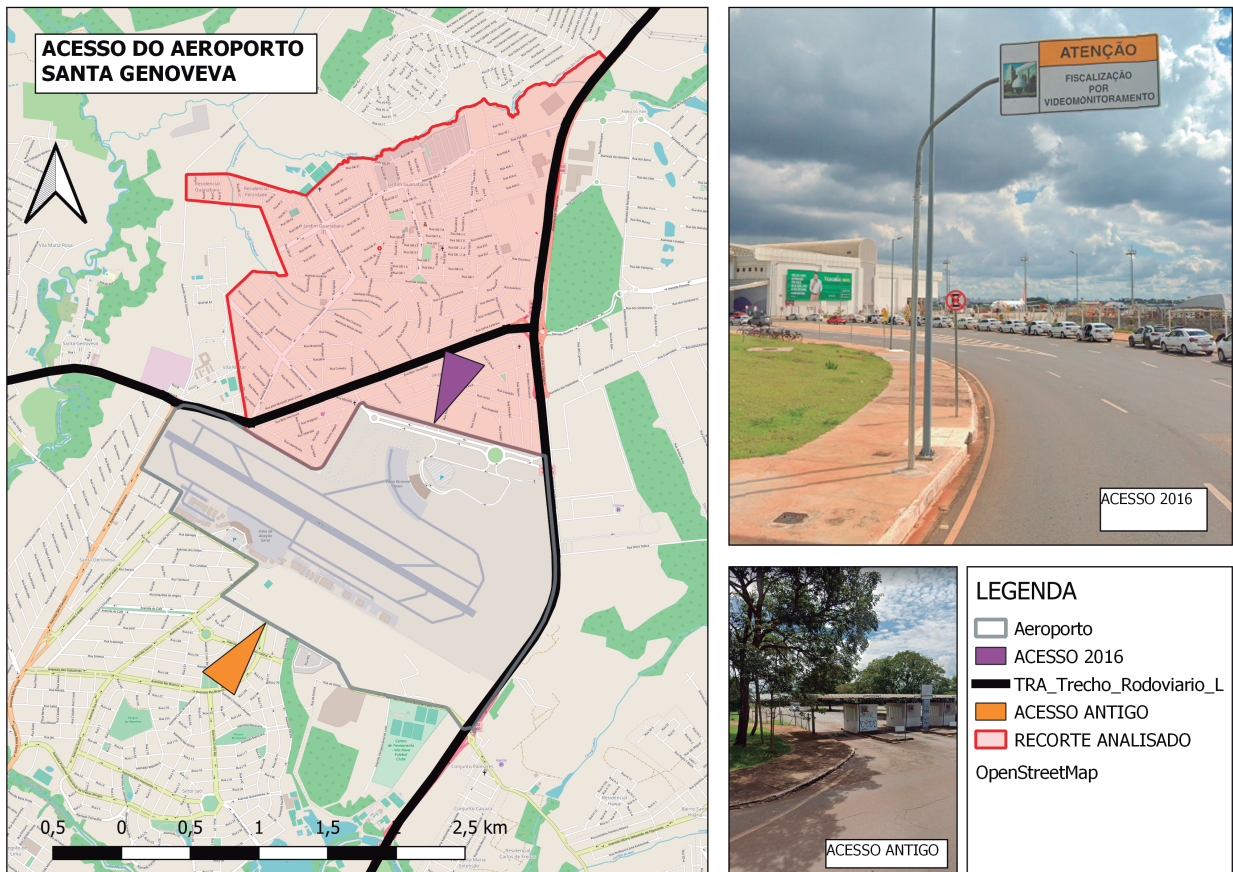
Para quem conviveu no Guanabara e o conheceu vividamente em seus dias de lutas, suas últimas transformações impressionam. Mudanças e transformações fazem parte do processo de urbanização capitalista, no entanto, o que espanta é o fato de um bairro pacato e simples de outrora, conter, atualmente: três condomínios fechados; escolas particulares de referência na região; bares, que anteriormente só poderiam ser frequentados na região sul e central de Goiânia; hotéis; restaurantes; postos de combustível; lojas de todos os ramos comerciais; clínicas dentárias; laboratórios e unidades de saúde particulares.

Figura 6. Mapa com uso de solo da área analisada. Autoria própria.



Outro importante evento dos últimos anos foi a transferência do acesso principal do Aeroporto Santa Genoveva, ao sul, frente ao setor Jaó, passando a ser norte, em frente ao Guanabara, que antes estava aos fundos, escondido, agora revelado e potencializado por essas e outras mudanças que vêm ocorrendo na região.

Figura 7. Mudança de acesso do Aeroporto Santa Geneveva. Autoria própria.



As transformações ocorridas nos bairros que compõem o Guanabara, afetam as relações sociais, as manifestações culturais, a economia e principalmente a identidade dos bairros. Atualmente, dificilmente se vê crianças e/ou adolescentes brincando nas ruas do bairro, as ruas sempre movimentadas por carros e menos pedestres, raramente se encontra grupos de skatistas como eram vistos antes.

O fato de a cidade estar se descentralizando constantemente não implica a exclusão cultural de nenhuma das partes, já que práticas urbanísticas conscientes podem prever cidades descentralizada com igualdade de oportunidade<sup>5</sup>. Porém, entende-se que as pessoas, sim, essas vêm sendo excluídas, deixando resquícios de sua presença, como os elementos de uma cultura marginal no Jardim Guanabara, que veremos adiante. Ainda sobre os fragmentos culturais absorvidos de diferentes classes sociais.

As classes médias amolecidas deixam absorver -se pela cultura de massa e dela tiram argumento para racionalizar sua existência empobrecida. Os carentes, sobretudo os mais pobres, estão isentos dessa absorção, mesmo porque não dispõem dos recursos para adquirir aquelas coisas que transmitem e asseguram essa cultura de massa. É por isso que as cidades, crescentemente inegalitárias, tendem a abrigar, ao mesmo tempo, uma cultura de massa e uma cultura popular, que colaboram e se atiram, interferem e se excluem, somam-se e se subtraem num jogo dialético sem fim. (Santos, 2006 p. 222)

<sup>5</sup> Sugerimos leitura sobre modelos de gestão descentralizada em 5 cidade do mundo. Disponível em: <https://32xsp.org.br/2016/07/18/conheca-as-semelhanças-entre-os-modelos-de-gestao-descentralizada-em-5-cidades-do-mundo/>

A cidade, dessa forma, pode perder elementos no processo de transformação, embora construa outros por meio da diversidade e do exercício da alteridade. Ou seja, a cidade capitalista, em algum momento, exclui o negro, o pobre, o indígena e a mulher, mas as marcas de sua existência e suas produções culturais ficam cravadas por uma resistência ou por serem absorvidas e incorporadas a estante da indústria cultural.

A rua é um desses cenários de culturas invisibilizadas, o que requer deste trabalho compreendê-las no Jardim Guanabara, identificando as práticas e os espaços que as mesmas ocupam na região. Neste sentido, apresentaremos, primeiramente, a história do Jardim Guanabara e seu processo de desenvolvimento ao longo dos anos. Em seguida, as discussões quanto às transformações nas cidades, sobretudo, num processo inserido numa perspectiva neoliberal, trazendo as mudanças do Jardim Guanabara para serem analisadas, a fim de compreender como interferências neoliberais atuam no bairro, e como as práticas de rua e seus sujeitos se portam as essas interferências.



# **A CIDADE COMO CAMPO ESTRATÉGICO DE ESPECULAÇÕES NA CIDADE NEOLIBERAL**

**2.1**

**Um Guanabara  
às sombras**

**2.2**

**O acender das luzes**

*A gente até queria tê  
asfalto, diversão e lazer  
buteco granfino, tipo  
aqueles da TV.*

## 2 A CIDADE COMO CAMPO ESTRATÉGICO DE ESPECULAÇÕES NA CIDADE NEOLIBERAL

O neoliberalismo, protagonizado pelo indivíduo empreendedor, incentivado pelo estado a ocupar esse papel, é um estágio do capitalismo que conseguiu se impor e permanecer até os dias atuais, sustentando-se por muitos anos, diferente do liberalismo que assumia a dinâmica de estado mínimo. Todas as mudanças provindas desse período vêm consolidando a hegemonia das grandes nações.

Entendemos o neoliberalismo como uma figuração econômica bastante singular do capitalismo, a partir das relações de poder, que funcionam como “parte intrínseca de todas as relações, são circularmente o efeito e a causa delas” (FOUCAULT, 2008. p. 4). Pela análise de Foucault, ainda: “o papel de mostrar quais são os efeitos de saber que são produzidos em nossa sociedade pelas lutas, os choques, os combates que nela se desenrolam, e pelas táticas de poder que são os elementos dessa luta” (FOUCAULT, 2008.p.5). E completa:

(...) contanto que se admita que o poder não é, justamente uma substância, um fluido, algo que decorreria disto ou daquilo, mas simplesmente na medida em que se admita que o poder é o conjunto de mecanismos e procedimentos que tem como papel ou função e tema manter – mesmo que não o consigam – justamente o poder. É um conjunto de procedimentos, e é assim e somente assim que se poderia entender que a análise dos mecanismos de poder dá início a algo como uma teoria do poder. (FOUCAULT, 2008 p. 3 -4)

Mas o que essa prática vigente na sociedade contemporânea é capaz realizar no meio social? Esse modelo de capitalismo age exatamente onde sentimos maior liberdade, tornando-nos assim dependentes e vulneráveis a uma relação de superação do outro, submetendo-nos a transformações para nos equipararmos aos detentores de poder. Sobre isso, Dardot e Laval afirmam:

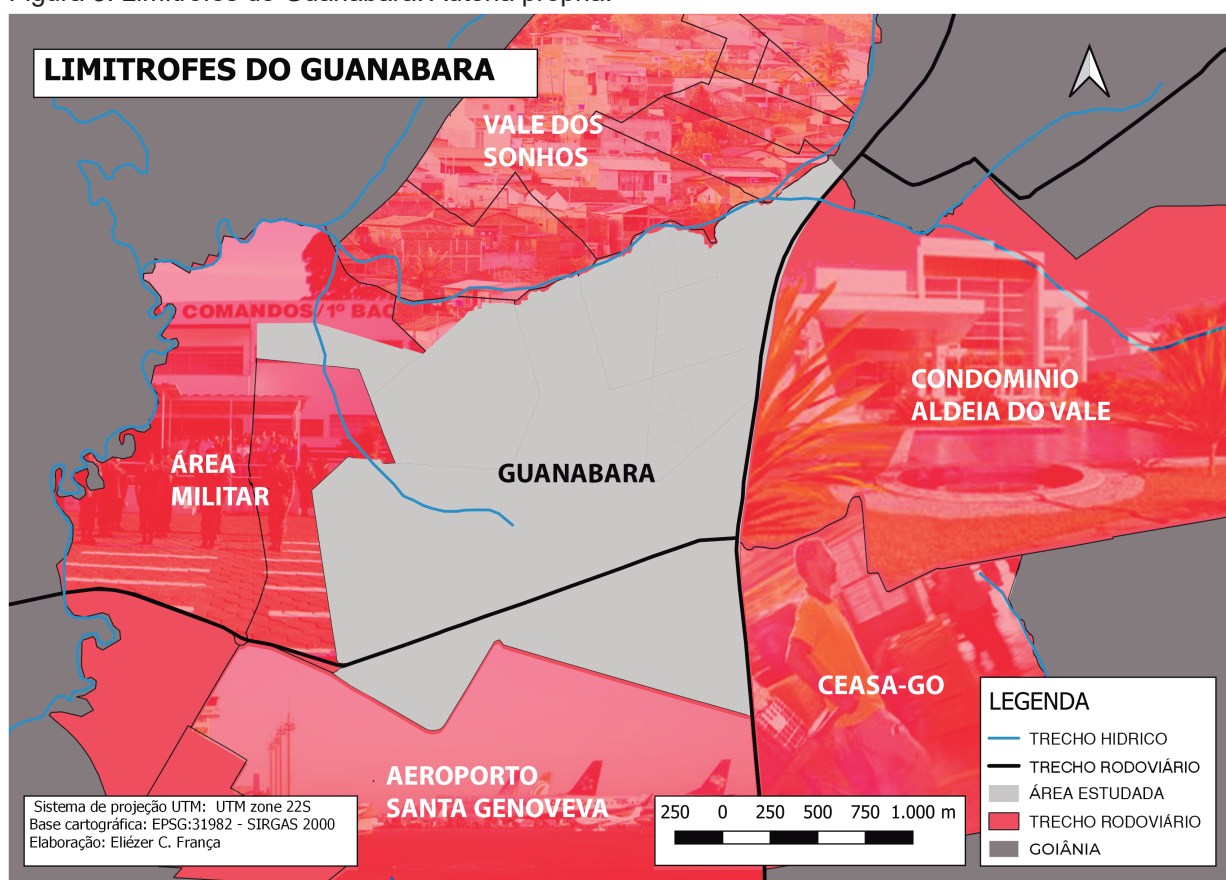
O neoliberalismo não destrói apenas regras, instituições, direitos. Ele também produz certos tipos de relações sociais, certas maneiras de viver, certas subjetividades. Em outras palavras, com o neoliberalismo, o que está em jogo é nada mais nada menos que a forma de nossa existência, isto é, a forma como somos levados a nos comportar, a nos relacionar com os outros e com nós mesmos. (DARDOT; LAVAL, 2016 p. 16)

O Jardim Guanabara tem se tornado um desses campos estratégicos na cidade, e vem, ao longo dos últimos anos, deixando de ser reflexo de violência e pobreza, para se tornar lugar de desejo e especulações. Tendo em vista que ele vem se estruturando para acolher uma nova camada social, questionamo-nos sobre a ocupação e existência da cultura marginal na região, que, de acordo com alguns pensadores, estão relacionadas ao meio social.

## 2.1. UM GUANABARA ÀS SOMBRA

O Jardim Guanabara é um bairro de Goiânia localizado na região norte da metrópole. É subdividido em quatro regiões: Jardim Guanabara I, II, III e IV. Marcado pela existência de propriedades rurais com criação de gado, cavalos e produtos hortifrutigranjeiros, passou a ser uma área predominantemente residencial. Porém, ocorreu uma grande expansão do comércio varejista e atacadista para atender à demanda da população do bairro e de setores vizinhos. Hoje, a população ultrapassa 30.000 habitantes.

Figura 8. Limitrofes do Guanabara. Autoria própria.



O Jardim Guanabara, que já nasce numa área da região norte que o distanciava não apenas dos outros bairros da região como do restante da cidade, construiu a partir desses limites uma identidade singular. Esses eixos limítrofes, que distanciam o bairro da cidade, são até os dias atuais formados pela BR-153, Condomínio Aldeia do Vale, Comando de Operações Especiais, Aeroporto Santa Geneveva e córrego Pedreira, ao norte do bairro.

Num primeiro momento, ilhado por plantações, o bairro possuía características culturais semelhantes às da vida rural, onde, dificilmente, tinha-se um quintal sem uma pequena horta ou um pomar, e, em muitos casos, a criação de animais como galinhas, codornas e outros.

Figura 9. Jardim Guanabara nos anos 90. Acervo do autor.



Os moradores da região norte de Goiânia enfrentavam várias dificuldades na área da saúde, pois as ruas não eram pavimentadas, o que contribuía com as doenças respiratórias. Ademais, a unidade de saúde existente não atendia a demanda da população e muitas crianças e idosos viviam internados em unidades de bairros fora da região. A circulação do transporte público era limitada, o que ocasionava lotações nos horários principais, e a maioria da população dependia de transporte públicos, outros meios de locomoção era as bicicletas ou veículos de tração animal.

Com a pavimentação das primeiras ruas do Guanabara, na década de 1990, surgiram os primeiros grupos com práticas esportivas como a patinação e o skateboarding. As bicicletas passaram a ser mais utilizadas dentro do bairro, além dos chamados golzi-

nhos já praticados em várias ruas do Guanabara terem ganhado uma nova versão, onde a poeira não era mais uma das marcas da atividade, e, por fim, os encontros para soltarem pipa ou brincadeiras de carrinho de rolimã.

As casas, durante muitos anos, permaneceram em sua maioria sem muros, ou apenas com cercas de arame e madeira, de modo que a relação de vizinhança se dava de forma mais calorosa, sendo os vizinhos praticamente uma extensão familiar, pois compartilhavam objetos domésticos, horta e pomares e momentos de confraternizações. Isto foi se perdendo ao longo dos anos com durante o processo de urbanização e aumento do acesso às tecnologias da informação.

Paralelamente ao momento em que a região norte de Goiânia começava a ser ocupada, a cultura hip hop se difundia no Brasil, através das músicas, filmes e clipes musicais, não demorando muito a chegar em Goiânia. Ela cresceu junto com um dos principais bairros da região, o Jardim Guanabara – ou apenas Guanabara para a comunidade, quando querem se referenciar ao conjunto de bairros ilhados pelo Aeroporto Santa Geneveva, e o condomínio Aldeia do Vale.

Com o desenvolvimento do bairro, as práticas de rua, sobretudo as manifestações culturais ligadas ao hip hop, passaram a ser vistas como aquilo que Bauman (1997) chamou de "impurezas sociais", pois elas já não representariam, com o mesmo significado, o bairro transformado. O autor estabelece uma relação entre a sociedade pós-moderna e sua "escória", a partir da definição de um critério de "pureza", em que sujeitos a ocuparem os espaços de forma indesejável, tornam-se estereotipados como "sujeira", ou seja, indivíduos "fora de seus lugares". O neoliberalismo – ou como Bauman utiliza, capitalismo pós-moderno – estabelece um critério de pureza baseado na "aptidão de participar do jogo consumista" (BAUMAN, 1997, p.24). Desta maneira, é repudiado o papel de impureza aos "consumidores falhos – pessoas incapazes de responder aos atrativos do mercado consumidor porque lhes faltam os recursos requeridos" (BAUMAN, 1997, p.24).

Nesse sentido, Bauman (1997) diz que o "impuro" é tudo aquilo que de alguma forma pode ocupar espaços que "naturalmente" (isso é, dentro da disciplinaridade dominante) não ocuparia. Sendo assim, aquele indivíduo que deseja ou insiste em ocupar um espaço não destinado a ele pela ordem estabelecida, define-se como sujeira nesse determinado espaço.

O que a sociedade aponta constantemente como "agentes poluidores" também são conhecidos como pessoas em situação de rua, artistas, skatistas, grafiteiros, etc. Ao ocuparem espaços urbanos, essas pessoas são vistas como "sujeira" que compromete sua "pureza", pois, além de não condizerem com a realidade do espaço, apresentam comportamentos alheios à padronização determinada pela disciplina estruturante. Deixando, assim, subentendido esse sujeito como falha, mas também pode ser visto como uma maneira de resistência ao disciplinamento, pois não obedecem a ordem.

## 2.2. O ACENDER DAS LUZES

Quanto às diversas facetas do Jardim Guanabara, assim como dos demais bairros que compõem o recorte espacial pesquisado, podemos descrevê-las a partir das experiências vividas e de relatos de moradores, que até o ano de 2010 puderam ver e fazer parte de um desenvolvimento lento e gradativo desses bairros, a partir disso, as transformações têm sido aceleradas. Grandes empresas se instalaram na região do Jardim Guanabara, como o depósito do Supermercado Bretas e das lojas Novo Mundo, o laboratório Cifarma e a CEASA. O bairro conta também com agências dos Bancos Itaú, do Brasil e uma agência do Banco Santander, além de uma agência dos Correios.

Outros fatores podem ser apontados como vetores de desenvolvimento para a região. Dentre eles, destacam-se a construção da Barragem do João Leite, que foi criada para abastecer Goiânia e região metropolitana, com água potável. E ainda a reforma e ampliação do Aeroporto Internacional Santa Genoveva e a instalação da Brigada de Operações Especiais, que contribuíram para o crescimento do setor.

Esse desenvolvimento torna muito clara a intenção das práticas capitalistas em impulsionar qualquer território, categorizando-os em: como, quando e quanto do espaço será visto, atribuindo valores existentes ou não no mesmo, para que de alguma forma como este seja rentável. Milton Santos afirma que a seletividade espacial por parte de empresas e do capital se dá pela densidade de informação e conhecimento do território, dando vantagem ao mais carregado destes, então “competem vantajosamente com as que deles não dispões” (SANTOS, 2006 p. 163).

As cidades vêm fortalecendo o ato de buscar em si algo para vender, e recorrem às mais distintas ferramentas. É nesse momento que a arquitetura e urbanismo entra como agente de construção e gestão desse produto que é a cidade. Essa disciplina cria, por um lado, sistemas viários, tipologias, paisagens urbanas etc., com a preocupação de atender às necessidades de um determinado grupo que ocupa o território. Por outro, cria também um rótulo ou uma marca que se infiltra nos consumidores da cidade como as empresas de turismo, empreendedores imobiliários, indústrias e outros.

E, nessa busca de superação, de venda da cultura, do espaço de si e do outro, produz-se um turbilhão de informações, que, na maioria das vezes, aqueles que o recebem, mal consegue assimilar, como se estivesse perdido à frente de uma prateleira gigante, em meio a uma complexa variedade de produtos culturais.

Para que um território ou parcela deste, seja um produto confiável dentro do mercado, é preciso, de alguma forma, enfatizá-lo, enaltecê-lo em relação ao seu entorno, ou se não houver entorno significativo, criar aquele com características aquém do produto principal. Ou seja, as zonas ricas para manutenção e permanência se sobrepõem as pobres, estas que Santos define como zonas opacas:

Essa historicização da metafísica crava no organismo urbano áreas constituídas ao sabor da modernidade e que se justapõem, superpõem e contrapõem ao uso da cidade onde vivem os pobres, nas zonas urbanas 'opacas'. Estas são os espaços do aproximativo e da criatividade, opostos às zonas luminosas, espaços da exatidão. (SANTOS, 2006 p. 221)

Esse fenômeno de sobreposição territorial acontece em vários países, principalmente após os anos 70. Nos países subdesenvolvidos latino-americanos essa experiência é bem latente, pois, partindo de suas realidades econômicas, acabam aderindo ao neoliberalismo, se sujeitando a uma cultura norte-americana e europeia. Entende-se aí um processo de alterações na identidade cultural, onde principalmente a globalização se encarrega de promover estímulos para alterações.

Em um primeiro momento, essa sobreposição pode ser vista pela comunidade como a salvação de um determinado espaço, bairro ou cidade. O Jardim Guanabara, que até meados dos anos 2000, era conhecido na região norte de Goiânia como uma das periferias mais perigosas da cidade, nessa lógica de expansão urbana, regida, sobretudo, pelo capital imobiliário, como um bairro de investimentos, vai se tornando um bairro de serviços e rota para os condôminos do Aldeia do Vale, além de virar uma centralidade para bairros que foram surgindo em sua volta.

O Jardim Guanabara vai tornando-se um produto cada vez mais atrativo e sendo

Figura 10. Portaria de uns dos condomínios no Jardim Guanabara II



também um gerador produtos para outros bairros, com isso, pode-se perceber que o bairro começa a revelar pontos de sobreposição cultural, espaços criados para atender uma classe média de existência muito tímida no bairro. Um dos exemplos é a construção de condomínios fechados que impactam não só o Jardim Guanabara, mas todos os bairros circunvizinhos.

Nesse contexto, compreendemos a informação como dos maiores agentes de construção de valores, onde o mesmo objeto pode ser supervalorizado ou totalmente desprezado, mudando apenas detalhes no corpo da mesma. Voltando para questões urbanas, uma cidade, um bairro ou uma rua é atravessada por interesses capitalistas, o que, frequentemente, faz com que se torne alvo de especulação. Vista como técnicas da informação, Santos compreende que elas:

(...) são apropriadas por alguns Estados e por algumas empresas, aprofundando assim os processos de criação de desigualdades. É desse modo que a periferia do sistema capitalista acaba se tornando ainda mais periférica, seja porque não dispõe totalmente dos novos meios de produção, seja porque escapa a possibilidade de controle. (SANTOS, 2015 p. 39).

Buscamos identificar a presença da cultura marginal nesse contexto de desenvolvimento da região e conseqüentemente a da especulação, compreendendo o Jardim Guanabara como alvo de especulação nesse modelo de cidade neoliberal, o que para alguns estudiosos poderia inclusive fazer uso de uma abordagem relacionada ao processo de *gentrificação*.

O termo *gentrificação* vem se firmando nas discussões contemporâneas, no entanto, pelas diversas linhas de pensamento, a abordagem desse conceito ainda gera alguns conflitos. Neil Smith (2006), partindo de algumas leituras sobre esse conceito, aposta como crucial para se compreender esse processo o fato de que não se trata de um fenômeno sobre mudanças sociais.

Para o autor, trata-se também das mudanças físicas de habitações, das higienizações sociais e da reabilitação dos territórios para serem habitados prioritariamente pela classe média. De acordo com a visão de Smith, esse fenômeno tanto aumenta a especulação imobiliária como também o custo de vida.

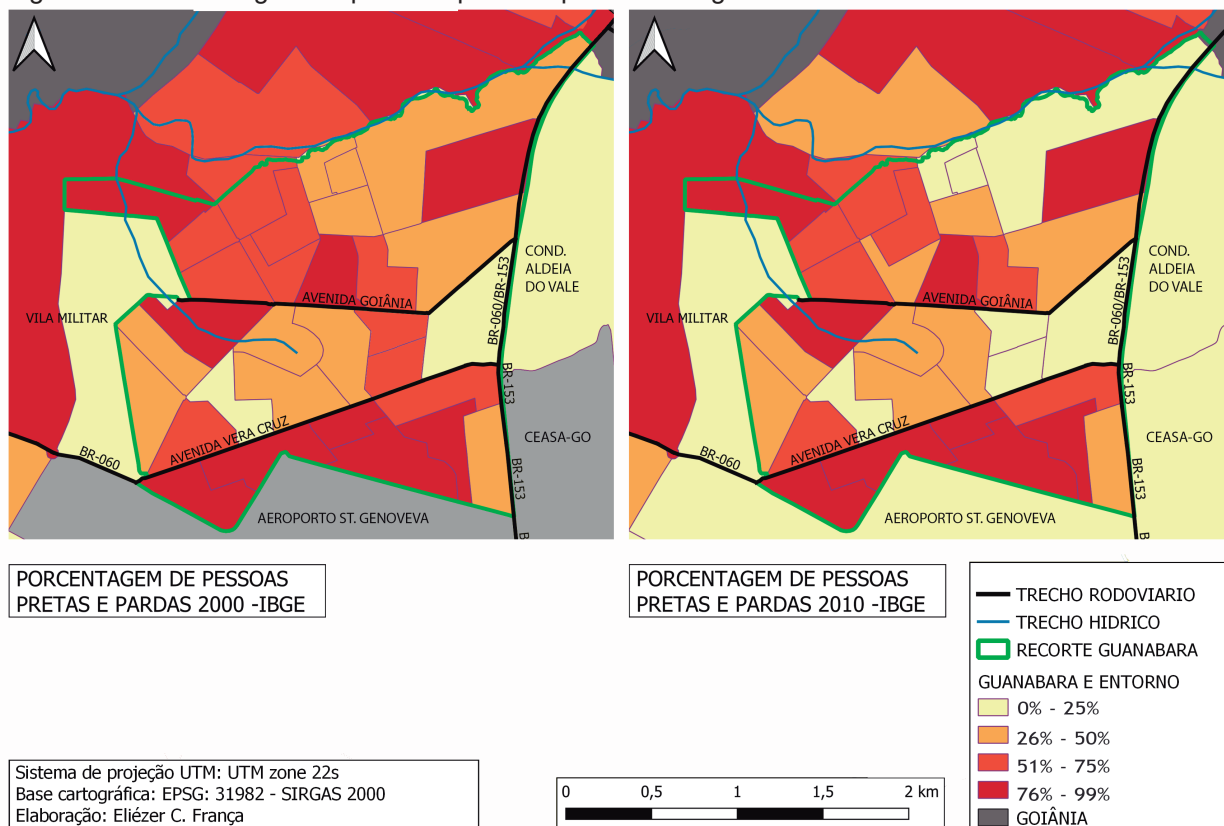
O desenvolvimento imobiliário urbano – a *gentrificação* em sentido amplo – tornou-se agora um motor central da expansão econômica da cidade, um setor central da economia urbana. No contexto de um mundo recentemente globalizado, a “regeneração urbana” representa uma estratégia central na competição entre as diferentes aglomerações urbanas. Assim como na globalização, estamos em presença de uma espécie de anônima lógica econômica, e a oposição a tal transformação global e urbana terá um papel crucial na orientação que tomarão os novos espaços. (SMITH, 2006, p. 85)

Podemos dizer que essa expansão da economia sob uma política neoliberal, corrompe identidades da cidade, a vida social passa a se tornar refém de uma imposição do mercado global, sendo influenciada por diversos mecanismos que a anulam ou desvinculam-na de algo sólido, de uma história concreta. Sobre as relações da vida social e a regência do mercado global, Hall aponta que:

Quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as identidades se tornam desvinculadas – desalojadas – de tempos, lugares, histórias e tradições específicos e parecem “flutuar livremente”. (Hall 2005, 75)

Diante de um processo socioespacial impactante, habitantes de um determinado território, ao serem expulsos do lugar que ajudaram a construir e nele também sobreviverem, constituem grupos que apesar das dificuldades, decidem lutar pela permanência e pelas identidades do lugar. Dentre os grupos de resistência, podemos citar a cultura marginal que aprofundaremos nos próximos capítulos, onde a periferia consegue se fazer ouvida, através do rap, do *graffiti* e, em alguns lugares, como na região norte de Goiânia dos anos 80, do *breakdance*.

Figura 11. . Porcentagem de pessoas pretas e pardas na região



O mapa anterior confirma o processo de exclusão da população que habita as ruas e que faz dela o palco de suas práticas culturais, políticas, sociais, e que em sua maioria tem representatividade negra e em vulnerabilidade social. Contudo, compreende-se que junto com a população negra que tem sido excluída da região parte das práticas também se vão.

Entendendo a construção hegemônica das cidades como estratos que contêm privilégios, o racismo estrutural é um alicerce fundamental para sua manutenção. O preconceito e a desigualdade racial são tão óbvios dentro de alguns contextos, que é urgente que a arquitetura e urbanismo se envolva mais diretamente neste tema, caso contrário estaremos cometendo um grande erro epistemológico nesta abordagem.

Muito dos nossos textos no meio acadêmico, acabam trazendo o negro como um recorte do recorte dentro de suas discussões. O preconceito e a desigualdade racial parecem estar tão visíveis dentro de processos como a gentrificação, que cometemos o erro de não reforçar o que para nós, que estamos na academia, é uma obviedade.

Dentro do processo de higienização da cidade, o negro é o primeiro a sentir a dificuldade que é acompanhar desprevenidamente a inserção forçada da classe média em determinada região, pois é o primeiro a ser expulso. Isso pode ser percebido na ocupação da região norte de Goiânia nos anos 80, quando a cidade se desenvolvia e necessitava distanciar a periferia, aumentando a área de zona luminosa no centro de Goiânia.

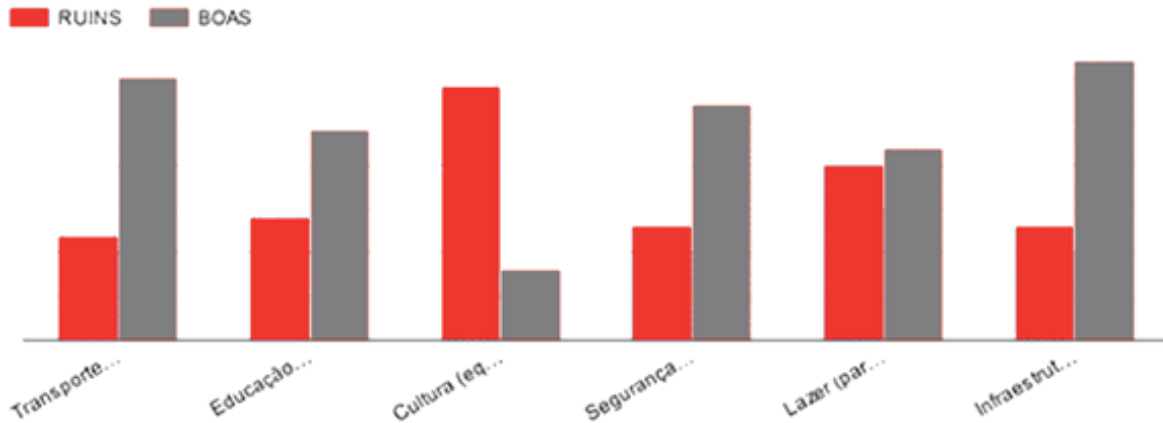
E nessa inserção da classe média na região norte de Goiânia, especificamente no Jardim Guanabara e nos bairros circunvizinhos, as manifestações sociais representadas também por uma cultura marginal através do *rap*, do *graffiti*, do *breakdance* e também pela ação dos skatistas, fazem parte da “sujeira” que precisa ser retirada ou pelo menos adaptada a padrões menos agressivos.

Figura 12. Evidências de remoções, às margens do Córrego Pedreira, Jardim Guanabara II



Contudo, percebe-se que muito se ganha no processo de especulação fundiária na cidade neoliberal, como também muito se perde. Nesse sentido, a principal questão entrelaçada nessa percepção é identificar quem ganha e quem perde com as transformações sociais, o que nem sempre está claro para os moradores da região que identificam o investimento capitalista na região como benefícios para todos.

Gráfico 1. Resultado de questionário quanto às transformações nos últimos 10 anos no Jd. Guanabara



Ainda sobre as transformações lidas como boas pelos moradores entrevistados durante a pesquisa, percebe-se que esses valores agregados a região, como melhoria do transporte, educação, segurança e infraestrutura, tem reforçado uma série de vendas de imóveis na região, o que logo se revela a partir de várias placas de “vende-se” modificando literalmente o cenário das ruas do Jardim Guanabara.

Figura 13. Placas de venda de imóveis no Jardim Guanabara. Arquivo do autor





## **A CIDADE COMO CAMPO TÁTICO: RESISTÊNCIA DA CULTURA MARGINAL**

**3.1**

**A cultura de rua narrando a  
periferia**

**3.2**

**A resistência marginal  
Brasil/Guanabara**

*A resistências pra vocês  
ta começando agora.  
a nossa nasce com a  
gente. Respeita nossa  
história.*

### 3 A CIDADE COMO CAMPO TÁTICO: RESISTÊNCIAS DA CULTURA MARGINAL

#### 3.1. A CULTURA DE RUA NARRANDO A PERIFERIA

Ao passo que o capitalismo consegue silenciar, ou construir outros sentidos a partir das falas das minorias, também permite que, em momentos oportunos, elas assumam espaços de visibilidade, já que quanto maior o número de incluídos, maior será o número de consumidores. Esse momento em que vivenciamos hoje, proporcionado pelo capitalismo, onde dar voz à diversidade e às minorias faz parte de estratégias econômicas, não se descarta a sobreposição cultural, que proporciona mais riquezas aos ricos e mais pobreza aos pobres.

Quanto a essa sobreposição cultural José Carlos Souza Silva ou Ndee Naldinho como é conhecido na cultura *hip hop*, que é um dos primeiros nomes do rap brasileiro, gravou em 1988 sua primeira participação no cenário da cultura marginal com o disco “O Som das Ruas”, em uma de suas músicas “O povo da periferia” podemos perceber uma outra compreensão da sobreposição cultura, do enriquecimento de uma em detrimento de outra.

... Olhando pro meu povo vejo a tristeza, estampada em cada rosto que perdeu a beleza. A vida é embaçada pra quem tá no veneno. Uma mãe vendo os seus filhos com fome sofrendo. Os mais ricos do mundo só fazem investimentos. Diversão pra boyzinho, pra coisa ruim e armamento. Quanto ao meu povo investimento é zero. Dia a dia não é fácil dia a dia não é belo. Vários moleques na rua sem endereço drogado. Mendigo gente sofredora também largado. Se arrastando e com vontade de viver. Muita gente dá de frente, finge que não vê. De que adianta vida boa e ter tudo da hora. Se o meu povo tá no veneno, ah meu deus e agora. Eu peço ao senhor que de paz e alegria. Cuida de noiz. O povo da periferia... (NdeeNaldinho - O povo da Periferia – 2002)

Em suas observações como morador da periferia, Naldinho aponta a desigualdade social, por como e onde são investidos os recursos do mundo. Numa tentativa de compreender as entrelinhas presentes na letra, vemos que os investimentos são aplicados em quem e onde pode gerar retorno, seja ele qual for.

Na segunda estrofe da música citada acima, o rapper busca mostrar as diferenças sociais, e como uma age em relação a outra, além de tentar diagnosticar as dores e revoltas da comunidade ou como ele poeticamente chama de “O povo da periferia”.

O povo é mal cuidado ignorado esquecido. Os ricos querem mais é ver meu povo fudido. Exploram nossa vida roubam nosso dinheiro. Eu vejo o povo no veneno entrando em desespero Irmão na ira, sem paz espiritual se armando. Roubando se arriscando porque tá precisando. Apanhando na vida passando me que injustiça. E quando roda toma coro todo dia da polícia. Que a cada dia o crime vai crescendo essa vida deixa o povo. Revoltado e violento.

As casas, durante muitos anos permaneceram em sua maioria sem muros, ou apenas com cercas de arame e madeira, de modo que a relação de vizinhança se dava de forma mais calorosa, sendo os vizinhos praticamente uma extensão familiar, pois compartilhavam objetos domésticos, horta e pomares e momentos de confraternizações. Isto foi se perdendo ao longo dos anos com durante o processo de urbanização e aumento do acesso às tecnologias da informação.

Com o desenvolvimento dos bairros, as práticas esportivas e lúdicas que eram estabelecidas pela comunidade e sua relação com a rua, começaram a dividir espaços com a quantidade de automóveis que crescia. Além de veículos da região, o fluxo aumentava também pela procura de serviços ofertados graças à indústria moveleira, como postos de saúde que foram se tornando referência na região e as escolas públicas que atendiam não somente o Guanabara como bairros vizinhos.

A cultura marginal foi conquistando espaço no bairro, passando a ser reconhecida não apenas pela população local, mas por outras regiões, estabelecendo inclusive um paralelo da produção cultural *hip hop* com o que se produzia no centro. O *grafitti* começou a ocupar os espaços, sobrepondo em vários momentos a pichação surgindo grupos de rap, passando a explorar as praças do bairro, várias *crews* de *breakdance* surgem nesse contexto, até mesmo com apoio de instituições religiosas<sup>6</sup>.

A arte marginal expressada através do rap, do *grafitti*, do *skate* e *breakdance*, sempre esteve presente na história do bairro mesmo que de forma discreta em seu surgimento, mas estavam lá expressas em cartazes durante ocupações, em atividades comunitárias nas ruas onde o rap já aparecia e nas pichações de gangues para demarcação territorial.

Por mais que o bairro respondesse positivamente ao seu desenvolvimento, as primeiras décadas foram marcadas pela ausência de setores comerciais e de lazer. Quanto ao lazer, ainda era possível improvisar nos espaços ociosos, nos córregos, nas ruas e em praças, mas no aspecto comercial, os moradores eram obrigados a se deslocarem para o centro constantemente, pois as opções no bairro eram mínimas, realidade que só começou a mudar nos últimos dez anos.

O bairro Jardim Guanabara é exemplo desse espaço que precisa ser reinventado, no sentido de integrar a população ao espaço, de forma a refletir o bom convívio e relações sociais sem que ocorra um processo de higienização social, mas uma verdadeira reintegração da população. Isto é importante pois os moradores do local detêm algo que vai além da posse dos lotes que é a cultura enraizada na história do lugar, como os grupos religiosos, a capoeira, as rodas de samba, as serestas etc.

---

<sup>6</sup> Somado a isso, não pode ser desprezado o fato de que, durante a história do bairro, grupos de axé marcaram também esse momento cultural, mesmo não sendo diretamente relacionados ao hip-hop, mas por ser um

Com a crescente urbanização, aquilo que, na década de 80, constituía-se como lugar de ocupação, atualmente, possui várias ramificações. Com isso, novos grupos foram surgindo; como os skatistas, grafiteiros e *mc's*, além das chamadas gangues territoriais e grupos de torcida organizada.

A população das grandes cidades se divide entre um “centro” e uma “periferia”. O termo periferia sendo usado não apenas no sentido espacial-geográfico, mas social, designando bairros afastados nos quais estão ausentes todos os serviços básicos (luz, água, esgoto, calçamento, transporte, escola, posto de atendimento médico), situação, aliás, encontrada no “centro”, isto é, nos bolsões de pobreza, as favelas (CHAUÍ, 2000, p. 58)

A filósofa Marilena Chauí nos mostra como funciona essa segregação social, numa relação de divisão de serviços que são prestados em apenas uma parte da cidade. É importante que haja políticas públicas em todo projeto do grupo dos “re” – revitalização, requalificação, reestruturação, etc – pois há grande risco de especulação imobiliária decorrente da valorização do local e em consequência uma gentrificação.

Nesse contexto agentes da contracultura se posicionam para expressarem suas indignações e revoltas diante de uma cultura dominante criada através de hábitos, costumes e principalmente padrões tidos como a normalidade da ação das pessoas. Nesse sentido, a contracultura surge e se posiciona para questionar as normas hegemônicas como forma de apontar que algo não está devidamente no lugar, que a cultura vigente com seu padrão de comportamento, de alguma forma não representa a todos.

Quando olhamos uma cidade a partir de um olhar panorâmico, identificamos, aos poucos, as contribuições de cada grupo que a compõem. Assim, logo percebemos a intensidade com que esses grupos se relacionam com a cidade, influenciando ou sofrendo influência no processo de construção da mesma. Não apenas no desenvolvimento da região norte de Goiânia, mas como em várias outras regiões periféricas, nota-se a presença potente da cultura marginal, lida neste trabalho como as manifestações artísticas oriundas do *hip hop*.

Se tomarmos o próprio processo de urbanização da região norte de Goiânia, veremos que a mesma surge a partir de ocupações no final dos anos 80, quando a cidade passava por um processo de expansão demográfica, onde os bairros centrais já não conseguiam resistir a densidade demográfica, e especulações imobiliárias impedem que a cidade se torne receptiva às habitações sociais.

### 3.2. A RESISTÊNCIA MARGINAL - BRASIL/GUANABARA

Para entendermos como a contracultura nos anos 80 e 90 foi produzida no Brasil, mesmo período em que começavam a se formar os primeiros grupos voltados a cultura hip hop no Jardim Guanabara, precisamos voltar um pouco na história para analisarmos como esse mesmo fenômeno se deu no mundo, sua origem, seus personagens, suas influências e seus influenciados. Os anos 60 é marcado por uma geração que navegava contra a corrente, utilizando da arte e de manifestações para se oporem a uma cultura imposta, deixando uma marca de rebeldia como eram vistos pelas gerações anteriores.

Em linhas certamente muito gerais, este é o pano de fundo contra o qual vemos florescer toda a cultura jovem dos anos 60, batizada com o rótulo de contracultura. Esta, por sua vez, se concretizou através de inúmeras manifestações surgidas em diferentes campos, como o das Artes, com especial destaque para a música, ou melhor, para o rock; o da organização social, aparecendo em primeiro plano a ênfase dada pelo movimento hippie à vida comunitária, na cidade ou no campo; e, ainda, o da atuação política. (PEREIRA, 1986, p. 40)

O fenômeno que emerge nos anos 60, com a finalidade de contrapor a cultura estabelecida pelo mercado, ficou conhecido como contracultura, acionada principalmente por jovens que não se enxergavam dentro do modelo ou sistema cultural vindo dos anos 50, o que conseqüentemente construía um movimento social libertário. Sobre essa manifestação que se tornava aos poucos reconhecida, Pereira apresenta uma breve descrição do que estava acontecendo nesse processo:

Começavam a se delinear, assim, os contornos de um movimento social de caráter fortemente libertário, com enorme apelo junto a uma juventude de camadas médias urbanas e com uma prática e um ideário que colocavam em xeque, frontalmente, alguns valores centrais da cultura ocidental, especialmente certos aspectos essenciais da racionalidade veiculada e privilegiada por esta mesma cultura. (PEREIRA, 1986, p.7).

Um pouco antes de Pereira apresentar essa difusão contracultural, Theodore Roszak (1972) trazia uma declaração sobre esse movimento tão inovador e rebelde, onde dizia que o interesse de seus agentes, os jovens, eram a psicologia da alienação, pelas drogas psicodélicas, pelo misticismo oriental e conseqüentemente pelas experiências comunitárias que se opunham a modelo de sociedade desde a Revolução Científica do século XVII.

Entendemos que a postura da contracultura mostra-se a partir das irregularidades da cultura tradicional, como anticorpos na busca de preservar a saúde do corpo. Dessa forma, a contracultura só existe porque a política de imposição e opressão se renova todos os dias, Para Rozak (1972) a contracultura:

(...) toma posição tendo como pano de fundo esse mal absoluto, um mal que não é definido pelo simples fato da bomba, mas pelo ethos total da bomba, no qual nossa política, nossa moralidade pública, nossa vida econômica e nosso esforço intelectual acham-se atualmente inseridos com abundância de engenhosa racionalização. Somos uma civilização sepultada num inabalável compromisso para com o genocídio, jogando loucamente com o extermínio universal da espécie. E com que perversidade violentamos nosso senso de humanidade para simular, mesmo por um dia, que tal horror possa ser aceito como “normal”, como “necessário”! (ROSZAK, 1972, p. 59).

Mesmo contribuindo com a politização social, a partir de apontamentos que fogem de uma cultura de massa alienadora, a contracultura não convence a todas as classes, e na verdade nem é a intenção fazê-lo. Seu intuito é realmente provocar a sociedade com inquietações radicais. Com isso, Roszak(1972) afirma que:

(...) quase não parece exagero chamar de “contracultura” aquele fenômeno que estamos vendo surgir entre os jovens. Ou seja, uma cultura tão radicalmente dissociada dos pressupostos básicos de nossa sociedade que muitas pessoas nem sequer a consideram uma cultura, e sim uma invasão bárbara de aspecto alarmante. (ROSZAK,1972, p.54).

Felizmente, os jovens rebeldes que ganhavam desprezo de grande parte da sociedade conservadora identificaram nos detalhes da sociedade contemporânea que o autoritarismo social age de forma direta ou indiretamente em todas as instâncias da vida “desde a imagística das histórias em quadrinhos até a teologia cristã, desde a sala de aula da universidade até a alcova” (ROSZAK,1972, p. 57).

Dentro do contexto de grande agito cultural, a periferia brasileira em 1980 expressava, através da cultura *hip hop*, seu incômodo com a cultura vigente. O *rap* cantado por um *Mc*, *Master of Ceremonies*, ou *rapper*, que é um dos elementos da cultura *hip hop*, conseqüentemente impulsionava os demais elementos, ou seja, o *Dj*, *Disc Jockey*, que era responsável por tocar e produzir os *bets*, o “*breakdance*” que é a dança tipo do movimento e o *graffiti*, que é a arte produzida em muros.

Desde o início, o rap foi considerado som de marginais, como arte violenta, já que os primeiros artistas eram considerados “tagarelas”, pois se apropriavam da liberdade de expressão para fazer ecoar a voz de um povo esquecido. Disso, percebe-se que o rap já seria um grande aliado para identificação dos problemas sociais na cidade, dentre eles a falta de planejamento urbano e o modo de vida das diversas comunidades narradas nas letras.

Um dos grupos de rap que alcançou grande repercussão no cenário nacional foi o *Facção Central*, formado na cidade de São Paulo em 1989, chegando a ter membros presos pelo conteúdo de suas letras, que já não são consideradas tão violentas perto das produções atuais.

O grupo de rap *Facção Central*, considerado como grupo de apologia, narrava a realidade do subúrbio, das favelas e das periferias em geral, onde a cidade e os problemas de infraestrutura urbana ganham destaque juntos com os protagonistas das histórias cantadas, ou seja, o negro o pobre, a empregada doméstica, etc. A música “Alcatraz” é uma das composições do grupo *Facção Central* que narra a dualidade contrastante no cenário urbano vivenciada pelos artistas, onde apontam os anseios de ambos os lados da sociedade.

Da cobertura eu observo os moleques lá embaixo, chinelo no cotovelo, jogando bola descalços, felizes, sem muro com caco de vidro, sem vigia com walkie talkie, câmera de vídeo, indo pra aula sonho atrás da blindagem do nissam, com pipa, pião, carrinho de rolimã. Tenho 12 até hoje ninguém reclamou em casa que na minha cobrança de falta eu quebrei sua vidraça. Não tem graça no condomínio minha bike nova, me sinto igual a um hamster correndo na gaiola, meu pai nunca me buscou depois da aula, pra eu ver ele só marcando horário com a secretária...

Daqui debaixo eu observo a cobertura de luxo como seria abrir a geladeira e ter de tudo, morar num apê de 600 de área construída, fim de semana na fazenda, no haras da família, vou pra aula sonhando com um copo de leite com as prateleiras da Hi Happy, um tênis sem Silver-tape. Até hoje um frango assado foi meu melhor almoço, esmola do padeiro pra eu não olhar pro seu forno, não tem graça na favela rolê com a minha bike roubada, perto de cadáver, gambé dando cabada,. Rá, se eu esconder uma câmera pra filmar o que meu pai me bate, vira santa a babá, minha mãe só se preocupa com a escolha do vestido, tem que ser bem fudido pra vender doce no seu vidro...

Percebe-se que grandes questões relacionadas ao uso dos espaços públicos, como qualidade do transporte público, saneamento básico, educação e saúde, que ganharam importância nas discussões dos urbanistas, já eram cantadas pelos MCs nas periferias, aos poucos foram ganhando espaço nos meios de veiculação, e conforme cresciam, eram paralelamente censurados.

Enquanto o rap alcançava não só a periferia, como também muitos jovens de classe média por influência dos meios de veiculação – como as rádios que tocavam rap internacional e filmes norte-americanos que traziam elementos da cultura hip hop – outros elementos da mesma cultura também foram sendo incorporados no Brasil, como o grafite e o breakdance.

O grafite chega ao Brasil no final dos anos 70, marcando inicialmente a cidade de São Paulo, de modo que o movimento começa quando um grupo de jovens, além da escrita, começa a desenhar nas paredes. Já existiam assinaturas nas paredes e muros da cidade, o que já causava bastante repulsa em grande parte da sociedade, mas o fato de agora aparecer desenhos e não apenas letras causa ainda mais estranhamento.

Figura 14. Primeiro graffiti pintado à mão em São Paulo, feito por Rui Amaral em 1982.  
Fonte : <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-38766202>



Para os primeiros grafiteiros, os anos 80 serviram como escola de formação, momento de desenvolvimento de técnicas e conhecimento dos materiais, e que, aos poucos, foi se consolidando pelas narrações de histórias das comunidades em todo o Brasil. Nesse mesmo período, por comparação à "sujeira urbana", o graffiti foi combatido nas cidades da América do Sul e da Europa, a ponto das pessoas acreditarem que o graffiti não passava de uma manifestação marginal que poluía visualmente as cidades.

Da produtiva década de 1980, basicamente radicada em São Paulo, para a segunda metade da década seguinte, o grafite de muros ganhou diferentes formas, volumes e combinações de cores em suas composições, associando-se diretamente às práticas musicais e de lazer juvenis. Ligado, deste modo, às dimensões do lazer urbano, da crítica social e política e a uma filiação ideológica específicas, os grafites surgem como exercícios indispensáveis para a constituição autônoma das identidades individuais e coletivas dos sujeitos envolvidos. (Araújo, 2003).

A arte em muros brasileiros, apesar de tardia em relação ao que já fazia fora do país, era bastante produtiva e ganhava proporções satisfatórias no meio dos artistas. Araújo (2003) ressalta as inúmeras combinações e as diferentes formas tanto de se conceber artisticamente, politicamente e socialmente, como na aplicabilidade técnica dos inúmeros produtos, spray, stencil, rolo, pincéis, etc.

O cenário que a contracultura marginal construía nos anos 80 era ideal para outro grupo que se fortalecia no Brasil, o dos skatistas que também contrariavam o padrão social vigente. Eles se identificavam com a revolta expressa nas letras de rap e nos grafittis que se espalhavam na cidade, buscando espaço na cidade e brigavam por seu reconhecimento e contra o preconceito.

A cultura de rua é um sinônimo do que é viver a cidade e nela criar espaços, pois ela ocupa qualquer lugar, as ruas, postos de combustível, estacionamentos, praças e outros, transformando-os assim em espaços. Michel de Certeau (1998) compreende que há uma diferença entre espaço e lugar, pois aquele está para este assim como a palavra está para a língua, ou seja, o lugar é o lugar praticado, de modo que a rua geometricamente definida pelo urbanista é transformada em espaço por quem a usa e como a usa.

Existe espaço sempre que se tomam em conta vetores de direção, quantidades de velocidade e a variável tempo. O espaço é um cruzamento de móveis. É de certo modo animado pelo conjunto dos movimentos que o orientam, o circunstanciam, o temporalizam e o levam a funcionar em unidade polivalente de programas conflituais ou de proximidades contratuais. O espaço estaria para o lugar como a palavra quando falada, isto é, quando é percebida na ambiguidade de uma efetuação, mudada em um termo que depende de múltiplas convenções, colocada como o ato de um presente (ou de um tempo), e modificado pelas transformações devidas a proximidades sucessivas. (Certeau, 1998 p. 202)

O Centro Oeste – assim como as demais regiões brasileiras – já estava sendo influenciado por meio da globalização, com filmes, músicas e livros que já traziam elementos de uma contracultura norte-americana, o hip hop. Este passava a despertar interesse nos jovens pela descoberta de se fazer algo diferente do que produzia e consumia na região. Em Goiânia, por exemplo, havia muitos jovens que não se identificavam com o sertanejo, inspirando-se no hip hop para contrariar a cultura popular regional.

Os primeiros contatos da juventude goianiense com a cultura hip hop ocorreram na primeira metade da década de 1980. Nada diferente do que ocorreu em outras partes do país. É possível afirmar que o sucesso de Michael Jackson, com seu disco *Thriller* de 1982, foi um dos responsáveis pela difusão de certos elementos da cultura urbana estadunidense. A habilidade do futuro “rei do pop” para lidar com um novo formato de difusão musical, o videoclipe, disseminava suas performances esteticamente híbridas, envolvendo uma série de elementos da variada cena musical e artística dos fins dos anos 1970, entre eles os movimentos do break<sup>5</sup> e a sonoridade pop que aglutinava sua experiência na Montown com as nuances da disco e do rock<sup>6</sup>. Jean Bala, um dos precursores da breakdance em Goiânia, afirmou que começou a dançar estimulado pelo músico estadunidense: (Garcia 2015, 230)

Muitos jovens da periferia de Goiânia que não se identificavam, tampouco, encaixavam-se dentro de uma cultura massificada, branca e em alguns casos elitizada, passaram a se ver na música negra estadunidense. A partir dela, iam abrindo espaços para outras manifestações artísticas como o graffiti e o breakdance, sendo, logo depois, influenciados pelos produtores de Brasília, a criarem seus próprios grupos.

Enquanto parte da sociedade desprezava a cultura de rua na região norte de Goiânia, considerada de produção pobre, ligada à violência e às drogas, relatos de membros dessa cultura, nos anos 90, no Jardim Guanabara, revelam que ela fora, na verdade, uma oportunidade de ver a vida de outra forma. Foi ela que impediu vários jovens a entrarem para a vida do crime, como afirma Black, pioneiro em cultura de rua no Jardim Guanabara.

A cultura hip-hop sempre esteve na nossa vida como um instrumento de transformação social, o crime nunca conseguiu nos levar, porque nós tínhamos a cultura hip-hop como essa ferramenta de vida, em prol da vida... Temos a cultura de rua como um forte veículo de transformação social e de conscientização sobre nossos direitos e deveres, de jovens, negros, periféricos excluídos ao extremo. (Black – em entrevista)





# **CARTOGRAFANDO COLETIVAMENTE**

**4.1**

**Pensando o método**

**4.2**

**Definindo o grupo**

**4.3**

**Organizando as informações**

*Te falar... Não é sorte  
Junto nois é masi forte  
na leitura da quebrada  
Guanabara zona norte*

## 4 CARTOGRAFANDO COLETIVAMENTE

### 4.1. PENSANDO O MÉTODO

Antes de mais nada, é importante reiterarmos que o Jardim Guanabara e a cultura marginal praticada na região norte de Goiânia, aqui apresentados como objetos de estudo, foi o espaço, que não apenas abrigou, mas motivou as primeiras inquietações sobre o hip hop, no contexto de gentrificação desse local, que mais tarde se transformaria nesse trabalho.

A fim de uma aproximação com a realidade pesquisada, investigamos indícios, sintomas e motivos das invisibilidades das práticas de rua no Guanabara, partindo de diálogos com alguns sujeitos da comunidade que contribuíram com relatos de experiências vividas nos bairros contemplados no recorte da Região Norte de Goiânia, ao longo dos últimos anos. Por meio de entrevistas com moradores, tomamos conhecimento que ocorreram várias mudanças no bairro, muitas delas vistas como melhorias para a região, mas outras eram vistas como uma forma de afastar os pobres do local.

Partindo de contatos prévios e relações já existentes, construídas pelo convívio durante anos na região, pudemos assegurar a contribuição da comunidade neste trabalho, seja pelo vínculo direto com skatistas, *graffiteiros*, *mcs* e *b-boys*, ou pelas conexões estabelecidas a partir de indicações, que puderam nos levar a história da inserção da cultura *hip hop* nos bairros analisados.

Por mais que existisse um nível de intimidade prévia com o objeto de estudo deste trabalho – o skate e a cultura *hip hop* – e, em primeiro momento, uma compreensão aprofundada e detalhada sobre o que é hoje o Guanabara, foi preciso analisar desde sua formação espacial até a atual conjuntura política, para identificar os fenômenos urbanos e sociais que vem acontecendo na região.

Os dados do IBGE podem apontar partes dessas transformações que vêm ocorrendo na região norte de Goiânia, no entanto, é necessário analisar o lugar de uma distância mais próxima, preferivelmente, de dentro dele. Reforçamos que as discussões sobre higienização cultural e *gentrificação* interpretadas na região, não abrangem ela toda, sendo nítido que o desenvolvimento e melhorias de infraestrutura, por exemplo, não estão em toda a área do nosso recorte.

### 4.2. DEFININDO O GRUPO

Após um período de diálogo com a comunidade, através de ligações telefônicas, visitas, e principalmente pelo questionário criado no *Google Forms*, pudemos definir o

grupo que daria sequência na próxima etapa do trabalho. Ou seja, depois de identificarmos as pessoas e as relações estabelecidas com a cidade, convidamos voluntários para a construção de mapas voltados ao reconhecimento da cultura de rua, onde participaram desde skatistas, *b-boys*, *mc's* e *grafiteiros*.

Mas para chegar a esses colaboradores, filtramos as respostas obtidas no *Google Forms*, onde priorizamos, na sequência, moradores que responderam ter grande conhecimento da região, praticantes de esportes como o skate, e praticantes dos elementos da cultura *hip hop*; Contamos também com apoio de líderes de movimentos sociais como o Mano CDJ, representante da Casa de Cultura do Guanabara.

Gráfico 2. Gráfico 2: Período de vínculo com a região

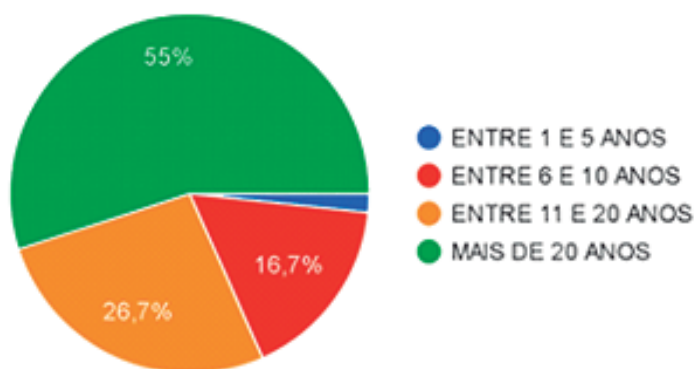
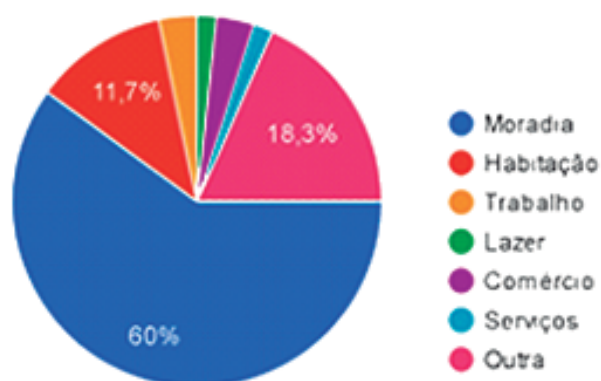


Gráfico 3. Tipo de vínculo com a região

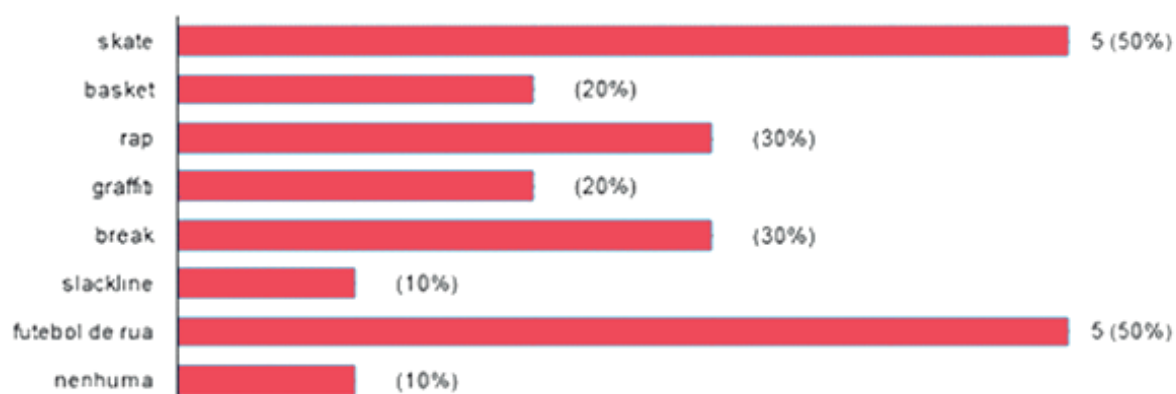


O primeiro gráfico que construímos aponta que 55% dos entrevistados possuem vínculo com a região analisada há mais de 20 anos, estabelecido pelo trabalho, serviços, ou lazer. O segundo foi gerado a partir da questão “Qual o seu tipo de vínculo com a região?” o que contribuiu para a realização do convite para a etapa seguinte do trabalho em coletivo, em que conseguimos identificar, a partir dessas informações, as pessoas que poderiam contribuir com maior repertório sobre o Guanabara.

A partir das respostas obtidas no questionário realizado pelo *Google Forms*, identificamos 55% dos participantes que responderam terem mais de 20 anos de vínculo com o

Jardim Guanabara, assim como os que fizeram parte dos 60% que responderam morar na região. Outra questão que nos auxiliou na formação do grupo de trabalho foi a identificação de práticas realizadas pelos entrevistados, nessa questão cada participante poderia marcar mais de uma prática caso fosse necessário, construindo assim, um grupo com bastante conhecimento sobre a região.

Gráfico 4. Práticas realizadas pelos entrevistados na região estudada



Fonte: Arquivo do autor- Formulário realizado pelo Google Forms.

No gráfico anterior, também resultado do questionário realizado por meio do *Google Forms*, destacam-se as práticas realizadas pelos colaboradores, onde o skate e futebol de rua aparecem mais entre as outras. Como buscamos entender as práticas de rua, sobretudo, a cultura marginal invisibilizada na região, identificamos e convidamos indivíduos que tivessem suas práticas ligadas à rua e que conhecessem bem o Guanabara como visto nos gráficos anteriores.

Com a lista de nomes gerada, a partir do resultado do formulário, convidamos 15 participantes para a próxima etapa, que, conforme demonstrada, tem como objetivo a construção de mapas colaborativos. Por meio deles, pode-se elaborar análises sobre a cultura de rua, sua história na região, e, principalmente, sua resistência diante das transformações no Jardim Guanabara, com a ocupação por uma nova camada social, a alta especulação imobiliária e o embranquecimento da região.

### 4.3. ORGANIZANDO AS INFORMAÇÕES

A partir de reflexões teóricas de autores que abordam a cidade neoliberal, começamos uma investigação sobre as práticas da cultura de rua no Jardim Guanabara e de seu processo de resistência diante das transformações urbanas, lida pela comunidade como progresso. Para essa investigação, foram realizadas visitas a Goiânia, assim como entrevistas que inicialmente eram geradas a partir de um contato prévio com a comunidade.

O segundo momento da pesquisa, ainda as entrevistas, já no período de isolamento



pela cultura de rua, seja o skate, o *rap* ou. o *graffiti*. Observamos isso até mesmo nas práticas presentes na Praça do Berimbal, praticamente no centro do bairro, cuja característica era ser um espaço de encontro desses grupos, mas que, atualmente, com as reformas do local e a instalação de bares e restaurante mais sofisticados, além do policiamento, agudizou o constraste social, o que também acaba inibindo a presença dos manos e manas.

Isto nos auxilia a demonstrar que, intencionalmente, o capitalismo consegue impulsar qualquer território, categorizando-o em: como, quando e quanto do espaço será visto; atribuindo, no mesmo, valores existentes ou não, para que de alguma forma algo seja rentável. Milton Santos afirma que a seletividade espacial por parte de empresas e do capital se dá pela densidade de informação e conhecimento do território, dando vantagem ao mais carregado destes, então “competem vantajosamente com as que deles não dispões” (SANTOS, 2006 p. 163).

Com os mapas preenchidos por cada participante, foi possível confeccionar um mapa físico, este preenchido com as informações de todos os participantes, este mapa geral foi exposto para o grupo por meio de videoconferência e discutido, com os participantes que fazem parte de grupos voltados às práticas de rua, sobretudo, pela contracultura.

A partir deste processo de trocas, percebemos que a cultura de rua, sobretudo a marginal no Jardim Guanabara, tem sido silenciada, obrigando-a a se deslocar, deixando subtendido que certas práticas, pessoas ou ideias não são bem vindas em regiões que passam por algum tipo de valorização. Com base nas experiências vividas, revividas,

Figura 16. Montagem com graffiti e sobreposição das placas de "vende-se"

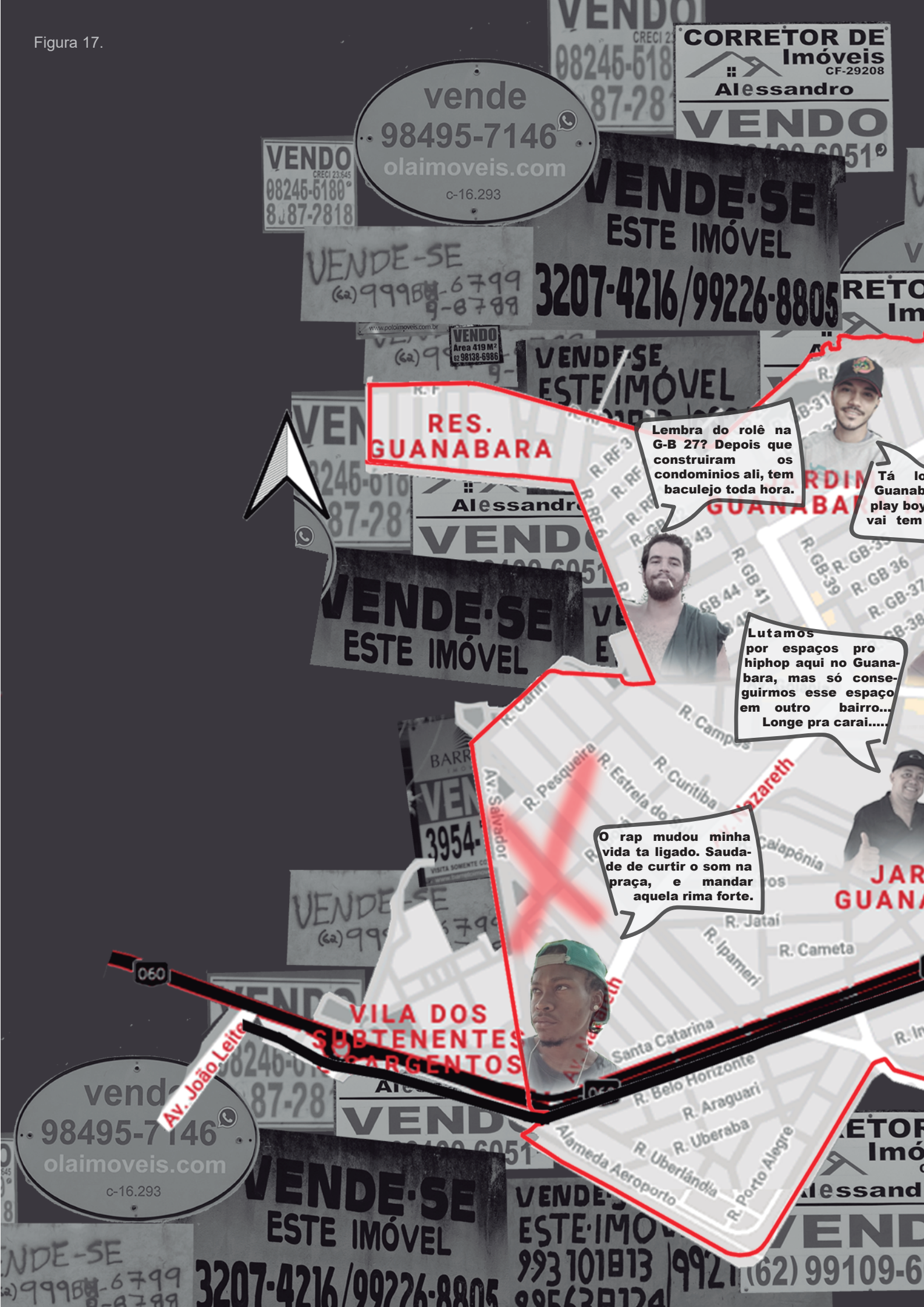


narradas e mapeadas durante este processo, pudemos também construir mapas com relatos, elogios e denúncias sobre a região, e não por apropriação ao tema, mas por propriedade, criamos uma letra de rap refletindo sobre as análises concebidas com o trabalho em grupo, a música se chama recebeu o título de *Vende-se uma quebrada*.

*Periferia Guanabara. Como é que cê tá? Faz muito tempo, mas eu tô aqui pra te visitar. Eu tô ligado, tô sabendo o que aconteceu, uma pá de gente foi embora e playboy apareceu. Eu tava morrendo de saudade do rolê pesadão, do skate na quadrinha, curtir um som com os irmão. A quadra ainda tá lá, só que não dá pra andar, reformaram e tiraram os mano de lá, agora só futebol, ta cheio de militar, ta esparrado e agora o jeito é stre-tar. Há... Já me falaram também que os graffiti do colégio tiveram que apagar, ele não é mais quebrada, agora é militar, e a Praça do Berimbal, onde rolava a cena, a malandragem se encontrava sem nenhum problema. Me adiantaram que eu ia até assustar, quando visse que agora tá cheio de bar, daqueles bem estilosos que playboy gosta. Seii... Lembra do rolê na G\_B27? hoje nem rola mais aquilo tá embaçado, construíram no pasto, dois condomínios fechados, e o baculejo é sempre certo por aqueles lados. Pensa o lado bom, hoje tá tudo asfaltado, a rua tá mais segura e o bairro iluminado. Iluminado pra quem? Não é primiero de abril, mas os barraco por aqui já valem 200 mil. Pra mana, pro mano isso ta compensando, vende um barraco aqui, compra dois Vale dos Sonhos. É sonho, nem dá pra julgar. Todo preto, todo pobre, todo pobre preto, já dizia Sabotage, só tem um desejo... ser respeitado na quebrada e construir um bom lugar. Na humildade é bom lembrar, que o Guanabara é nossa casa eles querem comprar.*

O rap pode ser ouvido acessando o link: <https://youtu.be/3oP2eD0kMgM> . A seguir um dos mapas sínteses deste processo colaborativo.

Figura 17.



vende  
98495-7146  
olaimoveis.com  
c-16.293

**CORRETOR DE Imóveis**  
Alessandro  
CF-29208  
**VENDO**

**VENDO**  
CRECI 23-645  
08245-5188  
87-2818

**VENDE-SE**  
(62) 99988-6799  
87-8789

**VENDE-SE ESTE IMÓVEL**  
3207-4216/99226-8805

**RES. GUANABARA**

Lembra do rolê na G-B 27? Depois que construíram os condomínios ali, tem baculejo toda hora.

Tá lo Guanabara play boy vai tem

Lutamos por espaços pro hiphop aqui no Guanabara, mas só conseguimos esse espaço em outro bairro... Longe pra carai.....

O rap mudou minha vida ta ligado. Saudade de curtir o som na praça, e mandar aquela rima forte.

**VILA DOS SUBTENENTES ARGENTOS**

vende  
98495-7146  
olaimoveis.com  
c-16.293

**VENDE-SE ESTE IMÓVEL**  
3207-4216/99226-8805

**VENDE-SE ESTE IMÓVEL**  
993101813  
995638124

**VENDE-SE ESTE IMÓVEL**  
99211(62) 99109-6

**VENDE-SE**  
(62) 99988-6799  
87-8789

**VENDE**  
**ESTE IMÓ**

vende

98495-7146

olaimov

O que falta pra nós, é espaço mesmo, aqui tem muito gente talentosa, dançamos pop, break, street...

Na humildade é bom lembrar, o Guanabara é nossa casa e eles querem comprar

T a m o firme, uma mão vazou do Guanabara, porque tá caro viver aqui, mas vamos resistindo até o fim...

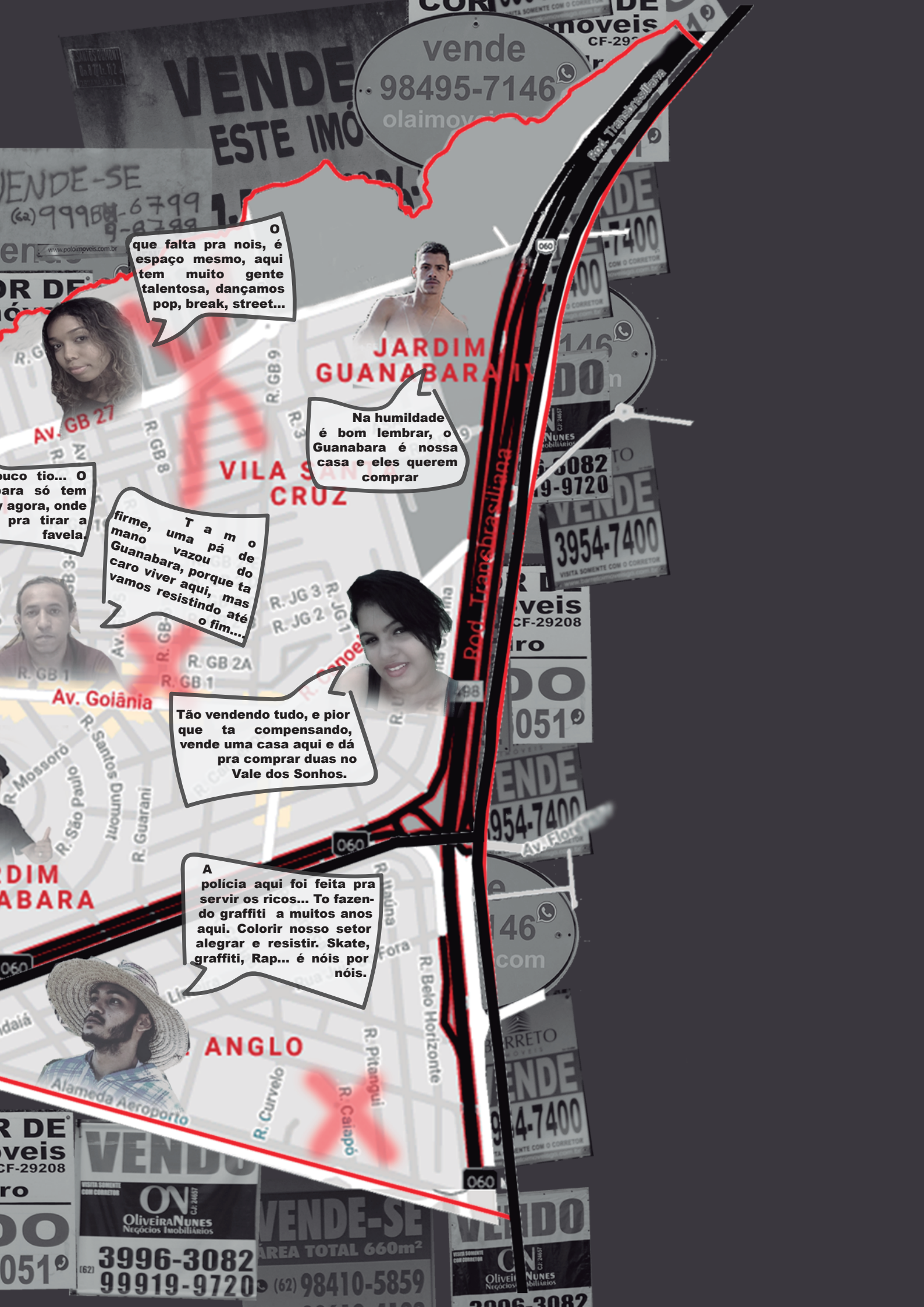
Tão vendendo tudo, e pior que tá compensando, vende uma casa aqui e dá pra comprar duas no Vale dos Sonhos.

A policia aqui foi feita pra servir os ricos... To fazendo graffiti a muitos anos aqui. Colorir nosso setor alegrar e resistir. Skate, graffiti, Rap... é nós por nós.

**JARDIM**  
**GUANABARA**

**VILA SAN**  
**CRUZ**

**ANGLO**



VENDE-SE  
(62) 9998-6799  
www.poloimoveis.com.br

DR DE  
O que falta pra nós, é espaço mesmo, aqui tem muito gente talentosa, dançamos pop, break, street...

uoco tio... O para só tem agora, onde pra tirar a favela.

**JARDIM**  
**ABARA**

R DE  
veis  
CF-29208

**ON**  
OLIVEIRA NUNES  
Negócios Imobiliários  
3996-3082  
99919-9720

VENDE-SE  
AREA TOTAL 660m<sup>2</sup>  
(62) 98410-5859

**VENDO**  
NUNES  
Negócios Imobiliários  
3996-3082

082  
9-9720

3954-7400

051

954-7400

146  
com

VENDE  
4-7400

**VENDO**  
NUNES  
Negócios Imobiliários  
3996-3082



## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

*Me chamaram de pretinho  
me chamaram de negão  
Me mataram sem querer  
confundindo com ladrão*

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para a concretização dessa pesquisa, buscamos analisar o Jardim Guanabara, a partir de embasamento teórico, refletindo, sobretudo, acerca da presença da cultura de rua no processo de urbanização em Goiânia, compreendendo a expansão urbana na Região Norte de Goiânia e no Jardim Guanabara. Isto possibilitou observarmos os elementos que determinaram o desenvolvimento do bairro em estudo, assim como constatar as contradições existentes no espaço urbano, geradas pela lógica neoliberal. Dessa forma, vimos a expansão desordenada da população na cidade e a falta de planejamento urbano, o que resultou na periferação e ocupações irregulares. No entanto, revelou também uma variada produção cultural, manifesta através da cultura de rua, que compreendemos, a partir dessa pesquisa, estar ligada a contextos sociais, raciais e espaciais. Vários foram os teóricos que contribuíram para a pesquisa, como o geógrafo Milton Santos, Neil Smith, Dardot e Laval, Michel de Certeau e muitos outros que auxiliaram no desenvolvimento da Geografia urbana.

Vimos que, a partir do desenvolvimento do Jardim Guanabara, ocorreu a espoliação e o surgimento de manchas de segregação urbana, e insuficientes formas de acesso à infraestrutura ao longo de sua formação. Essa mesma prática modificou as ocupações espaciais voltadas à cultura de rua, como o skate, o *graffiti*, o *rap* e demais, realizadas, principalmente, por jovens de áreas mais fragilizadas socialmente nos bairros do recorte analisado.

Pautando-nos pelo crescimento da Região Norte de Goiânia e da expansão do Jardim Guanabara, percebemos inúmeras transformações socioespaciais e contradições no setor; que podem ser comprovadas nas formas de acesso à moradia, na diferença de renda da população e na distribuição dos equipamentos públicos, já que a implantação de equipamentos urbanos não deveria determinar diferenças entre os ricos e pobres.

Da perspectiva socioespacial, identificamos a expansão urbana na Região Norte da cidade, com a implantação de condomínios fechados, investimentos do setor moveleiro, vantagens com o novo acesso do Aeroporto Santa Genoveva, vias de acesso que dinamizaram a economia da Região Norte e dos bairros Jardim Guanabara I, II, III e IV. Porém, uma parcela da população continua segregada, e, nisso, inserimos não apenas as práticas, como os praticantes da cultura de rua, lida como marginal.

O recorte da Região Norte, onde está o Guanabara, era dotado de pouca infraestrutura básica, porém, foi melhorada a partir dos investimentos monetários. Dessa forma, vimos a expansão do Jardim Guanabara; a mudança do perfil dos moradores; a valorização dos imóveis; e a ocupação do bairro por diferentes empresas comerciais de pequeno e grande porte. Contudo, observamos também a intensificação da especulação imobiliária, que tem contribuído com a venda da cultura de rua, assim como de

seus praticantes na região.

Com a alta especulação do bairro, percebemos que a queda das manifestações da cultura de rua (ou das práticas *hip hop*, ou cultura marginal) no bairro está ligada ao grande número de moradores que estão saindo da região, fugindo do custo de vida alto que tem se implantado na região. E, ainda, aqueles que aproveitam a oportunidade para vender seus imóveis por um bom preço, o que pode garantir uma poupança e a compra de um imóvel mais barato, em regiões distantes ou próximas como os lotes no Vale dos Sonhos ou João Paulo, que são bairros próximos.

Nesse sentido, a exploração metodológica utilizada, a do mapeamento coletivo, teve fundamental importância para a leitura da cidade e de seus habitantes, onde as pessoas utilizam seu conhecimento e sua experiência, que, combinados com algumas ferramentas feitas por linguagens, símbolos e ícones, tornam mais eficiente a interpretação dos mesmos. O mapeamento coletivo nos permitiu lançar um olhar crítico sobre o Guanabara, quando diversos sujeitos, sobretudo os invisibilizados, reuniram, em torno do mapa, suas perspectivas, criando uma compreensão territorial coletiva, como forma de estimular a troca de experiências e opiniões acerca do objeto de pesquisa, bem como facilitar o entendimento das dinâmicas sociais e as contradições que se manifestam.

É importante ressaltar também que durante a construção dos mapas ocorreram interpretações diferentes de algumas partes do bairro, o que entendemos como um fato de que cada um carrega consigo, as suas impressões e lembranças do lugar. Através do mapeamento coletivo, somos capazes de contestar as narrativas hegemônicas sobre o espaço e construir práticas transformadoras para uma vida autônoma, como forma de potencializar uma memória coletiva que recuse o discurso oficial.



*Liberdade de ir e vir...  
Por aqui é muito luxo.  
Zona norte é correria  
mas tem sempre um  
expulso.*

## 6 REFERÊNCIAS

- BEY, H. **Taz**: zona autônoma temporária. Tradução de Renato Resende. 3. ed. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2011.
- CARDOSO, L. C. V. **Análise sociespacial do Jardim Guanabara**. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Planejamento Territorial) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Goiânia. 2012.
- CERTEAU, M. D. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. 3ª. ed. Petropolis: Vozes, 1998.
- CHAUÍ, M. Conformismo e resistência - aspectos da cultura popular no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 2000.
- DARDOT, P.; LAVAL, C. **A nova razão do mundo**: ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Boitempo, 2016.
- FOUCAULT, M. Segurança, território, população. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- GARCIA, A. F. **Dos bailes ao break**: uma história da cultura hip hop em Goiânia, 1984 - 1996. Goiânia em mosaico - visão sobre a capital do cerrado, Goiânia, 2015. 229-253.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz da Silva Tadeu e Guaracira Louro Lopes. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- MACHADO, J. Promoção e proteção da diversidade cultural. Diversidade Cultural: da proteção à promoção, São Paulo, 2008. 25-35.
- MONTENEGRO, M.; CONTEL, F. scielo.conicyt. scielo, 28 novembro 2017. Disponível em: <[https://scielo.conicyt.cl/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0250-71612017000300115](https://scielo.conicyt.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0250-71612017000300115)>. Acesso em: 28 novembro 2019.
- OLIVEIRA, J. G. Grafitecidade e visão travejar - comunicação visual, rebeldia e transgressão. São Paulo: Casper Líbero, 2012. Dissertação de mestrado. Orientação profa. Dra. Dulcília Helena Schroeder Buitoni.
- ROSZAK, T. A contracultura. São Paulo: Vozes, 1972.
- SANTOS, M. **Técnica, espaço e tempo**: globalização e meio técnicocientífico informacional. São Paulo: Hucitec, 1997.
- SANTOS, M. **A natureza do Espaço**: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.
- SANTOS, M. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2015.
- SASSEN, S. **As cidades na economia mundial**. Tradução de Carlos Eugênio Marcondes de Moura. São Paulo: Studio Nobel, 1998.
- SMITH, N. **A gentrificação generalizada**. De volta à cidade: dos processos de gentrifi-

cação às políticas de "revitalização" dos centros urbanos., São Paulo, 2006. 59-87

SOARES, T. N. Vigiar e Punir: **As Pichações na Luta pelo Crepúsculo do Estado de Exceção no Brasil**. Revista Encontros de Vista, v.1, p. 1-11, 2008. Disponível em: [http://www.encontrosdevista.com.br/Artigos/VIGIAR\\_E\\_PUNIR\\_AS\\_PICHACOES\\_NA\\_LUTA\\_PELo\\_CREPUSCULO\\_DO\\_ESTADO.pdf](http://www.encontrosdevista.com.br/Artigos/VIGIAR_E_PUNIR_AS_PICHACOES_NA_LUTA_PELo_CREPUSCULO_DO_ESTADO.pdf). Acesso em 5 de Dezembro de 2019.

VIEIRA, L. portal.al.go.leg.br. portal assembleia legislativa do estado de goias, 23 outubro 2019. Disponível em:

<<https://portal.al.go.leg.br/noticias/ver/id/173463/tipo/gabinete/presidente+da+assembleia+legislativa+e+deputados+comemoram+aniversario+de+86+anos+de+goiania>>. Acesso em: 29 nov. 2019.



